Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 15.7.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 697 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

**Questionário de Proust do ChatGPT**
**Cuca Roseta: "Gostava de saber qual a sensação de voar"**
PÁG. 15

**Euro 2024**
**Já são quatro. Espanha recordista de troféus na prova**
PÁGS. 24-25

**Jess Phoenix**
VULCANÓLOGA
**"Sismos como nos Açores dizem-nos que o sistema está a acordar"**
PÁGS. 12-13

# TENTATIVA DE ASSASSÍNIO REFORÇA TRUMP NO REGRESSO À CASA BRANCA

Desde que deixou a Casa Branca que Donald Trump se apresenta como "vítima": de "roubo" da vitória nas presidenciais de 2020 e dos processos de que é alvo na Justiça. Hoje, o ex-presidente dos EUA chega à Convenção Republicana como uma verdadeira vítima, após ter sido atingido a tiro no sábado à noite.

**CONVENÇÃO** A FESTA DA NOMEAÇÃO OFICIAL COM SEGURANÇA REFORÇADA **ANÁLISE GERMANO ALMEIDA** MOMENTO TRUMP SELADO COM SANGUE **EDITORIAL LEONÍDIO PAULO FERREIRA** O GESTO DESAFIADOR DE TRUMP E A DEFESA DA DEMOCRACIA NA AMÉRICA **BRASIL** ATENTADO CONTRA BOLSONARO FOI UMA FACADA EM HADDAD

PÁGS. 2-7

ANNA MONEYMAKER / GETTY IMAGES / AFP

**Sondagem**
Pela primeira vez os portugueses confiam mais num primeiro-ministro do que em Marcelo
PÁGS. 8-9

**Imigração**
Vistos para Portugal pedidos no Brasil aumentaram 89%
PÁG. 18

**Auditoria**
IGAI aponta falhas à frota automóvel da PSP
PÁG. 10

**Vinho**
Governo dá 15 milhões, mas produtores pedem 30 para acabar com excedentes
PÁGS. 20-21

**Jessica Chastain**
ATRIZ EM NOVO FILME
"*Memória* deixou-me marcas no corpo"
PÁGS. 26-27

## Editorial

**Leonídio Paulo Ferreira**
*Diretor adjunto do Diário de Notícias*

# O punho desafiador de Trump e a defesa da democracia na América

O gesto desafiador do punho fechado de Donald Trump logo a seguir a ser alvejado e ainda com sangue no rosto após ser ferido a tiro numa orelha terá um impacto tremendo na campanha eleitoral, mesmo que tenhamos de esperar ainda pelas sondagens para apurar quanto. Certo é que as hipóteses de o ex-presidente derrotar Joe Biden nas eleições de 5 de novembro parecem cada vez maiores, por mobilização óbvia do seu campo e por natural simpatia de eleitores até agora indecisos.

Mas, mais importante do que definir o rumo das presidenciais, a tentativa de assassínio do candidato republicano recorda como a violência está presente na política, e certamente na política americana, mas também como historicamente a democracia nos Estados Unidos sempre se mostrou mais forte do que aqueles que a tentam abalar. Mesmo quando o candidato (ou até o presidente) foi morto num atentado, a vida das pessoas continuou, as eleições aconteceram na data prevista, a governação decorreu *as usual*. Como em 1901, em 1963 e em 1968, só para citar algumas datas do século XX em que houve atentados a políticos e nesses três casos bem-sucedidos. Como continuará agora.

Claro que se tem de debater a questão da segurança das personalidades, o que falhou a esse nível no sábado durante o comício de Trump na Pensilvânia, em que morreu um dos apoiantes do candidato e outros ficaram feridos. Também a questão da facilidade com que se compram armas na América regressará às conversas de café e às páginas de opinião dos jornais, pois o atacante foi um homem de 20 anos sem experiência militar e motivação ainda por esclarecer. Mas a condenação imediata vinda de todos os setores, o telefonema de solidariedade de Biden ao rival, as palavras de apoio dos antigos presidentes democratas Bill Clinton e Barack Obama, igualmente da antiga *speaker* da Câmara dos Representantes Nancy Pelosi, que chegou a tentar o *impeachment* de Trump, têm um simbolismo enorme e mostram um esforço de unidade que é importante para os Estados Unidos, que há dias celebraram o 4 de Julho e estão a dois anos de festejar os 250 anos da Declaração de Independência.

Algumas vozes republicanas a apontar o dedo a um discurso divisionista dos democratas surgem, para já, como a exceção, mesmo que mereçam atenção. A diabolização do rival, a sua transformação em inimigo, não é natural em democracia, e os dois campos políticos na América têm responsabilidades nesse assunto.

Os atentados aos políticos, reforço, não são fenómeno exclusivo da América. Ainda há meses houve o ataque ao primeiro-ministro eslovaco, Robert Fico. Também o ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro foi esfaqueado na campanha que lhe deu a vitória. E só para relembrar uma tragédia célebre na Europa, a mui pacífica Suécia nunca esqueceu o assassínio do primeiro-ministro Olof Palme quando caminhava pelas ruas de Estocolmo com a mulher, depois de uma ida ao cinema.

Porém, os Estados Unidos destacam-se entre as democracias em termos de magnicídios, como os do presidente William McKinley em 1901 ou do presidente John Kennedy em 1963, com este a originar uma das primeiras páginas mais impactantes dos 160 anos de história do DN. E no conturbado ano eleitoral de 1968 outro Kennedy, o irmão Robert, candidato à nomeação democrata, foi também assassinado, escassos meses depois de Martin Luther King, o líder da luta dos afro-americanos pelos direitos civis. Em 1981 o presidente Ronald Reagan sobreviveu a disparos que o deixaram gravemente ferido.

Voltando à força da democracia americana, de certeza que a campanha vai continuar, e, conhecendo-se a personalidade de Trump, este deverá insistir em falar na Convenção Republicana. E fazer mais comícios, tal como Biden, que também no sábado, no Michigan, voltava a garantir estar bem e que nada de sério se passa com a sua saúde, apesar dos 81 anos (o rival tem 78). Têm data marcada daqui a três meses para um segundo duelo presidencial, depois de Biden ter ganhado em 2020 com a maior votação de sempre de um candidato (e Trump, embora perdendo, teve a segunda maior de sempre).

Trump, que reforça o seu carisma com a sobrevivência a este atentado, falou, e bem, de uma América unida. Biden, que como presidente tem o dever de assegurar que os americanos podem confiar nas instituições para defender a democracia, também esteve bem ao falar da necessidade de união do país. E ao prometer uma investigação independente aos acontecimentos na Pensilvânia está também a tentar combater as teorias da conspiração, em vários sentidos, que logo surgiram em redor do atentado falhado.

Nestes quase 250 anos como país, a contar desde aquele 4 de julho de 1776 de rebelião contra a coroa britânica, a democracia americana tem mostrado sempre uma admirável resiliência. E não há melhor prova disso do que a normal sucessão do vice-presidente quando algo acontece ao presidente por doença ou atentado (Abraham Lincoln, em 1865, e James Garfield, em 1881, além de McKinley e Kennedy), ou, sublinhe-se, a realização sagrada de eleições na data prevista mesmo quando o país está mergulhado numa guerra civil (presidenciais de 1864) ou envolvido numa guerra mundial (presidenciais de 1944).

## OS NÚMEROS DO DIA

**13**

**VÍTIMAS**
Número mortos ontem num bombardeamento israelita contra uma escola da Agência das Nações Unidas para os Refugiados Palestinianos no acampamento de Nuseirat, em Gaza.

**3**

**ANOS**
Novo período de alargamento do serviço militar obrigatório aprovado ontem por Israel, que passa de 32 para 36 meses durante os próximos cinco anos. A decisão foi tomada devido ao contexto de guerra com o Hamas. Se receber o aval do Parlamento, a nova lei pode ser aprovada no final do mês.

**10**

**TAÇAS DE PORTUGAL**
Número de provas rainha em hóquei em patins já conquistadas pela equipa feminina do Benfica, depois do triunfo de ontem, por 3-2, diante do Tojal.

**4**

**MORTOS**
Número de vítimas mortais do acidente de um veículo ligeiro na madrugada de ontem, em Melgaço, num despiste seguido de incêndio na Estrada Municipal 202. Há ainda dois feridos graves. Tinham todos entre 25 e 30 anos e eram antigos colegas de escola.

15.7.2024

**Direção interina:** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação ) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Trump, com sangue na orelha e no rosto, ergueu o punho para os apoiantes quando estava a ser retirado do comício pelos serviços secretos e gritou: "Lutem!"

REBECCA DROKE / AFP

EUA

# Trump pede "união" após tentativa de assassínio que o torna mais favorito

**ELEIÇÕES** Candidato foi atingido na orelha num comício, com o atirador a ser morto pelos Serviços Secretos. O ataque, no qual morreu um dos seus apoiantes, deverá catapultar o ex-presidente na campanha de regresso à Casa Branca. Hoje, em Milwaukee, começa a Convenção Nacional Republicana.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Desde que deixou a Casa Branca que Donald Trump se apresenta como uma "vítima", alegando que as presidenciais de 2020 lhe foram "roubadas" e ser alvo de perseguição política, devido aos vários processos que enfrenta na justiça. Mas hoje chega à Convenção Nacional Republicana em Milwaukee, que o irá confirmar oficialmente como candidato às eleições de novembro, como uma verdadeira vítima, após ter sido alvo de uma tentativa de assassínio durante um comício na Pensilvânia.

Trump estava a criticar a imigração ilegal, poucos minutos após o início do discurso em Butler, quando se ouviram tiros. O ex-presidente disse na sua rede social, já depois de ter sido visto pelos médicos, que foi atingido "na parte superior da orelha direita". O FBI classificou o ataque como uma "tentativa de assassínio", mas investiga também como eventual caso de "terrorismo doméstico". Um apoiante de Trump, antigo chefe dos bombeiros, de 50 anos, morreu e outras duas pessoas ficaram feridas.

"Soube imediatamente que algo estava errado, pois ouvi um zumbido, tiros e senti imediatamente a bala a rasgar-me a pele", escreveu Trump na primeira reação na Truth Social. No vídeo do ataque vê-se como levou a mão à orelha antes de se esconder sob o púlpito e, ao ser levado pelos agentes dos Serviços Secretos, era visível algum sangue. Ontem voltou à rede social para pedir "união" aos norte-americanos , explicando que "o mal não deve vencer". E alegou que "só Deus impediu que o impensável acontecesse", mas deixou claro que não tem medo, aparentemente não ficando afetado com o que aconteceu.

O atirador, que disparou a arma semiautomática AR-15 do pai a partir de um telhado a menos de 150 metros de distância, foi abatido pelos Serviços Secretos. As autoridades identificaram-no como sendo Thomas Matthew Crooks, um jovem de 20 anos de Bethel

Park, localidade a cerca de uma hora de distância de Butler. Segundo o *The New York Times*, estaria registado como republicano, mas também teria doado 15 dólares aos democratas. As razões por detrás do ataque ainda não são conhecidas, com a polícia a revelar que ele teria explosivos no carro e que na sua casa foi encontrado material para o fabrico de bombas.

Apesar de os agentes dos Serviços Secretos terem acorrido a proteger Trump – naquela que foi a primeira tentativa de assassínio de um presidente ou ex-presidente desde que Ronald Reagan foi atingido a tiro em março de 1981 –, havia ontem quem já questionasse como tinha sido possível o atirador aproximar-se tanto sem ser intercetado.

Testemunhas ouvidas pelos *media* disseram ter visto o homem com a arma e tentado alertar a polícia. Os Serviços Secretos já abriram um inquérito, negando que tenha havido qualquer decisão de cortar na segurança de Trump. O FBI e o Departamento de Segurança Interna também estão a investigar.

**A resposta de Biden**

Se até sábado à noite a corrida eleitoral estava centrada na possibilidade de o presidente Joe Biden desistir ou não, no meio de questões sobre a sua idade e capacidade mental, agora vai centrar-se no ato de violência contra Trump. Republicanos e democratas condenaram a tentativa de assassínio do ex-presidente, tal como muitos líderes mundiais.

Mas a desinformação também se espalhava rapidamente nas redes sociais. Se à esquerda havia quem alegasse que o ataque tinha sido "orquestrado" pelo próprio Trump, com objetivos eleitorais, à direita culpava-se Biden por ordenar a morte do rival ou por a incitar, ao repetir que ele representa "um perigo" para a democracia: "Se Trump incitou o ataque ao Capitólio, então Biden incitou isto."

O presidente demorou mais de uma hora a reagir: "Não há espaço nos Estados Unidos para este tipo de violência", afirmou Biden, dizendo que tinha tentado, sem sucesso, falar com "Donald" – normalmente não trata Trump pelo primeiro nome. Mais tarde, a Casa Branca confirmou o telefonema entre ambos. Foi uma conversa "curta mas boa", disse Biden, que ontem voltou a falar e a repetir a mensagem da véspera.

O presidente disse que aquilo que aconteceu "é contrário a tudo" o que os EUA defendem. "Não é quem somos enquanto nação. Não é a América e não podemos permitir que isso aconteça. A unidade é o objetivo mais ilusório de todos, mas nada é mais importante do que isso", acrescentou. E pediu "união", tal como Trump, instando os norte-americanos a não fazerem "suposições" sobre as "razões, motivos ou afiliações" do atirador.

Ao lado da vice-presidente Kamala Harris e do procurador-geral dos EUA, Merrick Garland, o presidente anunciou ainda que deu ordens aos Serviços Secretos para darem a Trump "todos os recursos, capacidade e medidas protetoras necessárias para garantir a sua segurança". Deu ainda indicações para a revisão das medidas de segurança previstas para a Convenção Republicana e uma investigação independente ao que aconteceu.

**Vitória inevitável?**

O ex-presidente já estava em alta na maioria das sondagens e o tiro que lhe terá perfurado a orelha servirá, desde logo, para unir ainda mais os seus apoiantes – num contraste com os democratas, divididos sobre o apoio a Biden após o mau desempenho no debate. Essa união deverá ficar patente na convenção que começa hoje, onde Trump – que viajou já ontem, desistindo da ideia de adiar a viagem por dois dias – será recebido como "mártir" e um "herói" e "coroado" candidato republicano à Casa Branca.

O ex-presidente conseguiu transformar a foto oficial tirada pela polícia, quando foi detido num dos processos judiciais, numa imagem de marca para a campanha. Agora nem precisa de se esforçar – o facto de ter feito o gesto de desafio, com o punho no ar, rodeado pelos agentes dos Serviços Secretos que já tinham "neutralizado" o atirador, gritando "*fight!*" ("lutem"), enquanto sangrava da orelha, é suficiente. As fotos já são icónicas.

Trump, que odeia mostrar fragilidade e tem feito campanha a apontar as de Biden, conseguiu transformar um momento de vulnerabilidade num de força. Os republicanos vão aproveitar, à espera do que os democratas – com Biden ou uma alternativa – podem fazer para impedir o que parece inevitável.

susana.f.salvador@dn.pt

*"Estou profundamente chocada com o tiroteio. Desejo a Donald Trump uma recuperação rápida."*
**Ursula von der Leyen**
*Presidente da Comissão Europeia*

*"Condenamos qualquer manifestação de violência no âmbito da luta política."*
**Dmitri Peskov**
*Porta-voz do Kremlin*

*"Desejo uma rápida recuperação. Esta violência não tem justificação e não tem espaço em nenhum lugar do mundo."*
**Volodymyr Zelensky**
*Presidente da Ucrânia*

*"Estou chocado. Os aliados estão unidos para defender a nossa liberdade e os nossos valores."*
**Jens Stoltenberg**
*Secretário-geral da NATO*

*"É uma tragédia para as nossas democracias. Envio desejos de uma rápida recuperação."*
**Emmanuel Macron**
*Presidente de França*

# P&R
## A festa da nomeação oficial com segurança reforçada

**O que é a Convenção Nacional Republicana?**
A cada quatro anos, os republicanos (tal como os democratas) realizam grandes encontros para nomear oficialmente o seu candidato a presidente, após semanas de primárias e *caucus* onde são eleitos os 2429 delegados responsáveis por essa nomeação. O evento é transmitido pelas televisões, sendo um momento de grande visibilidade para o partido e o candidato. O ex-presidente Donald Trump já garantiu há meses a nomeação republicana (tem 2265 delegados) devendo usar a convenção para demonstrar o domínio que tem sobre o partido – até a sua última adversária na corrida, a ex-governadora Nikki Haley, deverá discursar, após inicialmente não ter sido convidada.

**Quando e onde é a convenção?**
A convenção republicana de 2024 começa hoje no Milwaukee, a maior cidade e centro administrativo do estado do Wisconsin – que é um dos chamados *swing states* das presidenciais. Trump perdeu este estado por apenas 20 mil votos em 2020. O encontro dura quatro dias e são esperadas 50 mil pessoas, entre políticos, empresários e figuras públicas, mas não está aberto ao público em geral. A convenção democrata está marcada para 19 a 22 de agosto, em Chicago.

**Após a tentativa de assassinato de Trump, na Pensilvânia, houve mudanças de planos?**
A equipa de Trump enviou um email aos funcionários a dizer que a convenção vai avançar como previsto, mas que a segurança será reforçada. Curiosamente o encontro decorre em Milwaukee, onde em 1912 o ex-presidente Theodore Roosevelt, à procura de um novo mandato na Casa Branca, sobreviveu a uma tentativa de assassinato. A bala foi travada pelo estojo dos óculos e pelo manuscrito do discurso, de 50 páginas, mas ficou alojada no peito de Roosevelt, que ainda fez o discurso como previsto.

**O que está na agenda?**
O ponto alto será o discurso de Trump a aceitar a nomeação, mas muitas outras figuras do partido deverão também discursar. Incluindo o candidato a vice-presidente, cuja identidade só deve ser conhecida no início do encontro – outro dos momentos mais aguardados. O favorito é o senador J.D. Vance, mas a lista de hipóteses inclui o governador do Dacota do Norte, Doug Burgum, e o senador Marco Rubio. A família também terá um papel – Donald Trump Jr. vai discursar, assim como Eric –, mas nem a filha Ivanka nem a mulher Melania estão na agenda. Esta última tem estado ausente da campanha, no meio dos julgamentos contra o marido – incluindo o de Nova Iorque, que falava de um caso extraconjugal que ele terá tido.

**O que esperar ao longo dos quatro dias?**
Cada dia tem um tema, centrado no mote "*Make America Great Again*" (tornar a América grande outra vez) do milionário que quer voltar à Casa Branca. Na segunda-feira, o tema é economia – "tornar a América rica outra vez"; na terça, imigração e crime – "tornar a América segura outra vez"; na quarta-feira é dia de Segurança Nacional – "tornar a América forte outra vez". Finalmente, na quinta-feira, será o dia centrado no próprio Trump – "Tornar a América Grande Mais uma Vez".

**Será tudo fácil para Trump?**
Segundo a AP, poderia haver um tema a dividir a convenção – o aborto. O ex-presidente defende que a política sobre a interrupção voluntária da gravidez deve ficar nas mãos de cada governo estadual, depois de o Supremo Tribunal ter rasgado, há dois anos, as garantias federais ao aborto. Mas muitas vozes no partido querem ver aplicadas restrições a nível federal. Trump tem os apoios para fazer valer a sua escolha na chamada "plataforma do partido" – o documento com as prioridades e posições oficiais em vários temas.

**O ataque a Bolsonaro teve lugar em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 6 de setembro de 2018.**

RAYSA LEITE / AFP

# Atentado contra Bolsonaro foi uma facada em Haddad

**BRASIL** Nas eleições de 2018, o candidato de extrema-direita cresceu nas sondagens e evitou debates antes de ser eleito presidente, depois de ter sido esfaqueado. Efeito político pode repetir-se nos EUA. Bolsonaro reagiu assim ao ataque a Trump: "Nos veremos na posse."

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, SÃO PAULO

Antes do atentado que sofreu a 6 de setembro de 2018, a um mês da eleição presidencial, o então candidato Jair Bolsonaro já liderava a corrida, mas as sondagens mais recentes atribuíam-lhe 23%. A partir de então, o candidato da extrema-direita passou a ter mais cobertura televisiva, a sofrer menos ataques dos rivais e pôde suspender a participação em debates até ao fim da segunda volta, que ganharia com 55,13% dos votos, cerca de mais 10 pontos do que o rival Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores.

Se a facada de Adélio Bispo, um inimputável que agiu sozinho, segundo a justiça brasileira, perfurou o abdómen de Bolsonaro, atingiu em cheio o coração da campanha de Haddad, o candidato apoiado pelo hoje presidente Lula da Silva, então preso. Por isso as comparações entre Bolsonaro e Donald Trump, entre Haddad e Joe Biden e entre Bispo, um desempregado então com 40 anos, e Thomas Crook correm soltas no Brasil – e não só.

"O episódio [nos EUA] pode ter o mesmo efeito político que a facada levada por Jair Bolsonaro na campanha presidencial brasileira em 2018 – tornando ainda menores as chances de os democratas vencerem a eleição, com ou sem Joe Biden como seu candidato", escreveu a jornalista Patrícia Campos Mello no jornal *Folha de S. Paulo*.

"Nos Estados Unidos, o suposto atentado contra Trump priva os democratas de uma das suas principais armas – demonizar um candidato que tem muitos pontos fracos e cujo principal problema para os eleitores independentes, que são tão cruciais para esta eleição, era a sua imagem como uma pessoa 'desagradável', com quem se é difícil simpatizar", completa.

O próprio Jair Bolsonaro, ao comentar o atentado contra Trump, pareceu levar em consideração o potencial eleitoral de um atentado falhado: "Nos veremos na posse", escreveu na rede social X o ex-presidente brasileiro depois de "prestar solidariedade ao maior líder mundial do momento".

Noutra ocasião reforçou que a sobrevivência do candidato presidencial norte-americano ao atentado, assim como a sua, é obra divina, um discurso muito difundido entre os seus apoiantes. "Os médicos dizem que foi um milagre eu ter sobrevivido em 2018, tendo em vista a gravidade dos ferimentos. Ele foi salvo por questão de poucos centímetros. Isso, no meu entender, é algo que vem de cima."

E nos momentos de queda de popularidade de Bolsonaro na presidência a associação ao sobrenatural voltava sempre ao noticiário. "Jair Bolsonaro só não morreu por um milagre de Deus", escreveu o deputado Eduardo Bolsonaro. "Foi milagre de Nosso Senhor", acrescentou a deputada Carla Zambelli, "até hoje ele sofre as consequências do atentado e será submetido ao sexto procedimento cirúrgico em decorrência deste crime".

Lula, entretanto, considerou "inaceitável" o episódio ocorrido nos Estados Unidos e disse que "deve ser repudiado veementemente por todos os defensores da democracia e do diálogo".

**Outros casos**

Menos de seis meses antes, a 14 de março, do atentado contra Bolsonaro o Brasil despertara com a notícia da execução de Marielle Franco no centro do Rio de Janeiro. Eleita pelo PSOL, partido de esquerda, a vereadora carioca foi vítima de uma emboscada contra o carro em que circulava, da qual resultaram a sua morte, com 13 tiros, e a do motorista da viatura, Anderson Gomes. Os autores confessos do crime são Ronnie Lessa e Élcio Queiroz, dois ex-polícias que agiram, segundo os próprios, a mando dos irmãos Chiquinho e Domingos Brazão, políticos de direita e milicianos.

Mas a lista de crimes recentes contra políticos não se resume ao Brasil – na vizinha Argentina, a ex-presidente Cristina Kirchner foi vítima de um atentado em setembro de 2022 durante uma manifestação em Buenos Aires, mas o revólver de Fernando Montiel, cidadão brasileiro que se afirma "justiceiro social", não disparou.

Semanas antes, uma caravana onde supostamente seguia o então recém-eleito presidente da Colômbia foi alvo de uma emboscada numa falsa operação *stop* por homens armados, mas Gustavo Preto não estava na comitiva.

E a 7 de julho de 2021 um grupo de cidadãos, na sua maioria colombianos, invadiu a residência de Jovenel Moïse, presidente do Haiti, e matou-o. A primeira-dama foi atingida, mas sobreviveu. Segundo o *The New York Times*, Moïse tencionava entregar uma lista de políticos e empresários locais envolvidos com o tráfico de drogas.

Os atentados, entretanto, não se resumem ao continente americano: no coração da Europa, o primeiro-ministro eslovaco, Robert Fico, foi baleado e ferido por um homem de 71 anos a 15 de maio deste ano, durante uma reunião do governo em Handlova, a 160 km de Bratislava.

*"Estou horrorizado com as cenas chocantes. A violência política de qualquer forma não tem lugar nas nossas sociedades."*

**Keir Starmer**
*Primeiro-ministro britânico*

*"Eu e a minha mulher, Sara, ficámos chocados com o aparente ataque ao presidente Trump."*

**Benjamin Netanyahu**
*Primeiro-ministro de Israel*

*"Expresso a minha compaixão e simpatia por Donald Trump."*

**Xi Jiping**
*Presidente da China*

*"Acompanho com apreeensão as atualizações da Pensilvânia e desejo a Donald Trump uma rápida recuperação."*

**Giorgia Meloni**
*Primeira-ministra de Itália*

*"Que se combata a violência política com toda a firmeza e em pleno respeito pelos valores democráticos."*

**Marcelo Rebelo de Sousa**
*Presidente de Portugal*

Análise
Germano Almeida

# Momento Trump selado com sangue

Há momentos que podem definir uma eleição.

No debate de Atlanta, o desempenho tragicamente desastrado de Joe Biden parecia ter-lhe comprometido as hipóteses de ser reeleito – e até abriram uma discussão autofágica para os democratas sobre se deverá prosseguir com a candidatura ou se deveria desistir.

O momento da corrida presidencial norte-americana, a 113 dias da grande decisão, já estava a ser de Trump. Poucos imaginariam que outro momento dramático, ainda antes das convenções, pudesse ocorrer do lado da candidatura republicana.

A imagem de Trump com a cara ensanguentada, a acenar – vencedor – com o punho, rodeado pelos agentes dos serviços secretos, enquanto exortava aos apoiantes, ainda espantados com a tentativa de assassínio a que acabavam de assistir, para lutarem, lutarem ("*fight!, fight!*") pode ficar marcada na história desta corrida presidencial como a chave que poderá selar um eventual regresso de Donald à Casa Branca.

Convém ser prudente: aquilo que nos parece definitivo numa campanha presidencial na América pode, com estranha rapidez, ser ultrapassado em dias por outro acontecimento inesperado que venha a seguir. Mas o episódio da Pensilvânia junta alguns traços potencialmente definidores para a narrativa do regresso de Trump e, em contraponto, eventualmente comprometedor para uma (já antes difícil) recuperação improvável de Joe Biden.

Ficará mais difícil para Biden atirar Trump para um nicho do "candidato que porá em risco a democracia americana" e ficará bem mais fácil para Donald colher empatia e até adesão por parte de quem, até agora, só o viu numa versão zangada, populista e agressiva para as minorias.

**Pasto para a narrativa da "força trumpista"**

Donald Trump gosta de exibir força – em contraste com a notória fragilidade revelada pelo opositor no duelo de Atlanta. Que outra conjugação de ocorrências poderia permitir-lhe sublimar esse contraste como o que aconteceu no sábado à noite?

A capacidade que o 45.º presidente dos EUA (e que pode estar a meses de se tornar no 47.º) tem de reagir aos acontecimentos, transformando-os a seu favor, é, de facto, notável. E isso voltou a acontecer no momento mais inesperado de todos.

Não é sério alinhar nas teses conspirativas – venham elas de onde vierem. "Encenação" da campanha Trump para dramatizar a tese de "eles, os poderosos do sistema, quererem acabar com ele e impedir que volte"? Não o fariam colocando a vida de Donald em risco: o ex-presidente podia mesmo ter saído gravemente ferido ou perdido a vida, tão perto a bala lhe passou da cara e da cabeça. Atentado promovido pelos democratas para impedir a eleição do rival? Também não dá para acreditar – basta verificar as reações enérgicas de condenação de Biden, Obama e outros. Mão do *deep state* com colaboração do FBI e dos serviços secretos? Aí já dá para escavar mais, tendo em conta a inacreditável falha de segurança ocorrida.

O historial dos serviços secretos na proteção de candidatos presidenciais na América tem sido impecável nas últimas décadas: desde o assassínio de Bobby Kennedy na noite das primárias da Califórnia, em 1968, nunca mais tinha acontecido algo grave a candidatos presidenciais em campanha. O ataque ao presidente Reagan, em 1981, ocorreu noutro contexto, e a verdade é que, nestas quatro décadas, a eficácia dessa tão difícil tarefa aumentou de tal modo que Obama – primeiro presidente negro, com tantos grupos hostis à legitimidade da sua presidência – passou oito anos incólumes, apesar de ter tido inúmeros contactos com os cidadãos anónimos.

O que falhou para que um jovem de 20 anos, Thomas Matthew Crooks, sem passado criminal nem atividade política especialmente relevante (registado no Partido Republicano, mas com pequena doação de 15 dólares realizada há três anos a um comité de ação política alinhado com os democratas, chamado Progressive Turnout Project), tenha conseguido subir a um telhado, exibindo de forma visível uma semiautomática, colocando-se em posição de tiro para poder matar um ex-presidente dos EUA?

A grande questão, que só os próximos dias e semanas poderão revelar a resposta, é se este foi um lamentável, mas isolado, episódio ou se acabámos de assistir a um assustador preanúncio da entrada da violência como fator recorrente numa campanha presidencial americana.

A violência política já tinha regressado em força com o ataque à congressista democrata Gabi Giffords (2011), com o plano – felizmente desmantelado pelo FBI – para raptar e matar a governadora do Michigan, Gretchen Whitmer, por parte de um grupo antimedidas de contenção da pandemia denominado Liberate Michigan (2020), e com o ataque ao Capitólio (2021).

Estaremos a assistir a um escalar deste problema ou veremos neste episódio uma "vacina" para evitar algo pior?

**Tudo corre bem a Trump, (quase) tudo corre mal a Biden**

Donald Trump "já ganhou" depois disto? Calma. Faltam 113 dias, muita água ainda vai correr debaixo da ponte.

Mas sejamos claros: estamos naquela fase em que tudo parece correr bem a um lado (Trump) e tudo parece correr mal ao outro (Biden).

Quer dizer: no caso de Biden, quase tudo, mas nem tudo. Esta inesperada tentativa de assassínio ao ex-presidente e candidato presidencial republicano Donald Trump pode ajudar o presidente democrata a sacudir a pressão que sobre si ainda recai sobre uma eventual desistência. Nos próximos dias, os grandes focos mediáticos estarão virados para o campo republicano e para eventuais novidades que possam surgir da investigação sobre o que verdadeiramente esteve por trás disto.

**Ficará bem mais fácil para Donald colher empatia e até adesão por parte de quem, até agora, só o viu numa versão zangada, populista e agressiva para as minorias.**

Joe Biden estava a conseguir, nos últimos dias, estancar a queda nas sondagens, embora precise ainda, com urgência, de apresentar números a subir. A sua reação democraticamente exemplar – e, já agora, revelando destreza física e mental – pode ajudá-lo na tese de que os democratas devem tomar um duche frio, respirar fundo e parar com a conversa de afastar o presidente de uma nomeação que, na verdade, obteve com folgadíssima maioria nas primárias (mais de 90% dos votos, perto de 95% dos delegados).

Para lá da contestação interna, Biden precisa rapidamente de recolocar a agulha da campanha nos temas que podem relançá-lo na luta pela vitória: os bons números económicos obtidos pela sua Administração (a inflação, que chegou perto dos 10% no pós-pandemia e primeiras semanas da invasão russa da Ucrânia, acaba de baixar para 3%, abrindo caminho para dois cortes seguidos nos juros, o que permitirá mais dinheiro nos bolsos dos americanos) e a maior capacidade eleitoral que revela nos Estados decisivos quando comparado com Kamala, sobretudo os três da Rust Belt (Wisconsin, Pensilvânia, Michigan), onde bateu Trump na eleição geral de 2020, mas onde Trump venceu a Hillary em 2016.

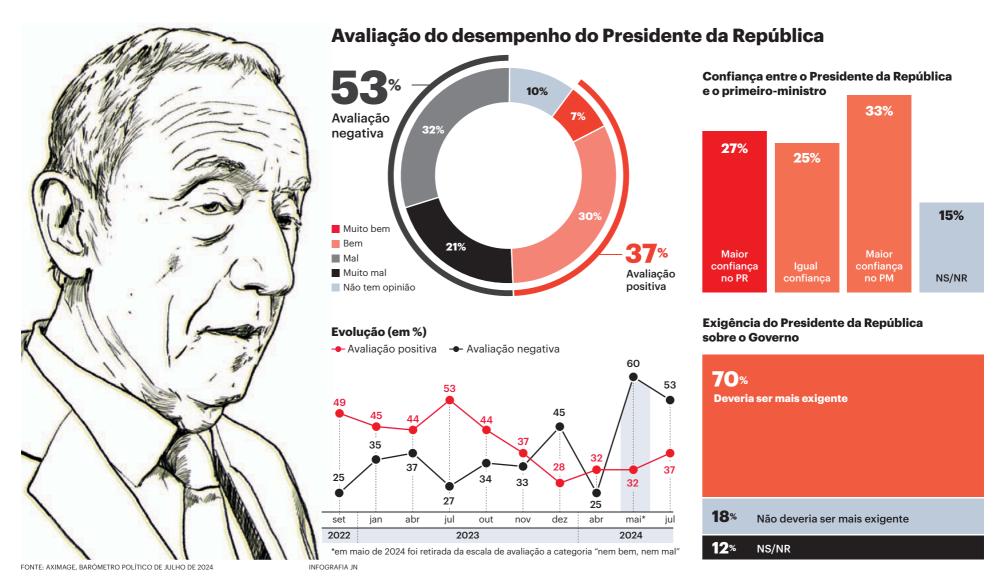
***Boost* para a Convenção no Wisconsin**

A Convenção Republicana, que esta segunda-feira arranca em Milwaukee, Wisconsin (um dos Estados mais decisivos entre os decisivos), passa a ter um interesse reforçado.

Todos vão querer ver como estará fisicamente Donald Trump depois do atentado. Todos vão querer apanhar os sinais e tiradas dos apaniguados de Donald em relação ao que verdadeiramente esteve por trás desta tentativa de assassínio.

E ainda haverá outro "momento mistério", que começa a ser raro nas convenções de nomeação partidária: vamos ficar a saber quem acompanhará Trump no *ticket* presidencial. Os senadores JD Vance (Ohio) e Marco Rubio (Florida) partem à frente na *short list*. Mas devemos também olhar para a congressista Elise Stefanik, de Nova Iorque (mulher e jovem), e para o senador Tim Scott, da Carolina do Sul (único negro na bancada republicana na câmara alta).

*Especialista em política internacional.*

FONTE: AXIMAGE, BARÓMETRO POLÍTICO DE JULHO DE 2024 INFOGRAFIA JN

# Marcelo recupera, mas continua no vermelho e perde na confiança para Luís Montenegro

**SONDAGEM** Depois de bater no fundo em maio, Presidente da República melhora avaliação em julho, mas o saldo ainda é negativo. Eleitores da AD são a exceção e dão nota positiva.

TEXTO **RAFAEL BARBOSA**

Depois de ter batido no fundo em maio passado, Marcelo Rebelo de Sousa recupera neste mês de julho. Continua, no entanto, abaixo da linha de água, com 37% de avaliações positivas e 53% de negativas, de acordo com a sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF. E há um novo sinal de alerta para Belém: os portugueses confiam mais no primeiro-ministro (33%) do que no Presidente da República (27%), um resultado inédito nestes barómetros.

Depois de uma primavera envolta em polémicas, com os comentários controversos sobre os "comportamentos rurais" de Luís Montenegro, a lentidão de um António Costa "oriental" ou a necessidade de "pagar os custos" da escravatura e do colonialismo, Marcelo Rebelo de Sousa foi contemplado com a pior avaliação de sempre. Quando entramos no verão, e apesar de permanecer o incómodo do "caso das gémeas", com sucessivas audições na Comissão de Inquérito Parlamentar da Assembleia da República, o Presidente da República parece iniciar o caminho da recuperação. Não é o suficiente, no entanto, para regressar aos níveis de popularidade do passado. Ainda que tenham aumentado as avaliações positivas (de 32% para 37%) e reduzido as negativas (de 60% para 53%), regista um saldo negativo de 16 pontos percentuais.

Considerando todos os barómetros da Aximage para o DN, JN e TSF, é apenas a terceira vez que fica no vermelho. As outras foram em maio passado (saldo negativo de 28 pontos) e em dezembro de 2023 (saldo negativo de 17 pontos), esta última na sequência da crise política precipitada pela queda do governo e do espoletar do "caso das gémeas".

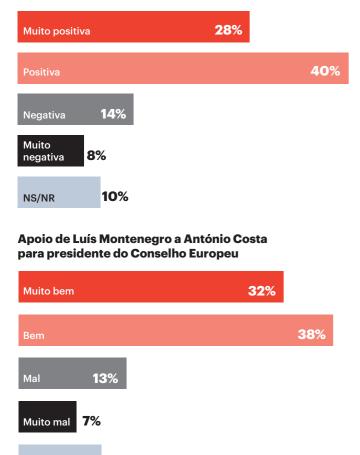
**Positivo só na AD**

Quando se analisam os resultados em cada segmento da amostra, há um único caso em que o Presidente regressa a terreno positivo: entre os eleitores da AD obteve 46% de avaliações positivas, o que lhe permite ficar um ponto

## CONFIANÇA

**UM FACTO INÉDITO**
É a primeira vez que um primeiro-ministro vence o Presidente da República quando se pergunta aos portugueses em quem têm mais confiança: Luís Montenegro consegue 33% e Marcelo Rebelo de Sousa apenas 27%.

**PORTO COM MARCELO**
O melhor resultado de Montenegro é na região Norte (42%). Mas também fica à frente no Centro, em Lisboa e no Sul. Marcelo só vence na Área Metropolitana do Porto (29%) e apenas por dois pontos de diferença.

**DIVISÃO DE GÉNERO**
Há uma divisão de género neste jogo da confiança: os homens confiam mais no primeiro-ministro (38%), enquanto as mulheres continuam fiéis ao Presidente da República (30%), mas neste caso por apenas um ponto.

**FICHA TÉCNICA**
Sondagem de opinião realizada pela Aximage para DN/JN/TSF sobre temas da atualidade nacional política. Universo: indivíduos maiores de 18 anos residentes em Portugal. Amostragem por quotas, obtida a partir de uma matriz cruzando sexo, idade e região. A amostra teve 801 entrevistas efetivas: 682 entrevistas online e 119 entrevistas telefónicas; 390 homens e 411 mulheres; 176 entre os 18 e os 34 anos, 215 entre os 35 e os 49 anos, 197 entre os 50 e os 64 anos e 213 para os 65 e mais anos; Norte 285, Centro 177, Sul e Ilhas 110, A. M. Lisboa 229. Técnica: aplicação online (CAWI) de um questionário estruturado a um painel de indivíduos que preenchem as quotas pré-determinadas para pessoas com 18 ou mais anos; entrevistas telefónicas (CATI) do mesmo questionário ao subuniverso utilizado pela Aximage, com preenchimento das mesmas quotas para os indivíduos com 50 e mais anos e outros. O trabalho de campo decorreu entre 3 e 8 de julho de 2024. Taxa de resposta: 75,32%. O erro máximo de amostragem deste estudo, para um intervalo de confiança de 95%, é de +/- 3,5%. Responsabilidade do estudo: Aximage, sob a direção técnica de Ana Carla Basílio.

acima da linha de água. Ao contrário, é nos restantes partidos à direita que o castigo é mais pesado, em particular entre os eleitores da Iniciativa Liberal.

Outro sinal de esperança de melhores dias para Marcelo Rebelo de Sousa chega da Área Metropolitana do Porto, em que consegue tantas avaliações positivas quanto negativas (45%). No resto do país parece mais difícil recuperar a popularidade, em particular no Norte e no Sul, regiões onde regista um saldo negativo de 24 pontos.

No que diz respeito ao género, e tal como no barómetro anterior, as mulheres são um pouco mais benevolentes (saldo negativo de 10 pontos) do que os homens (saldo negativo de 22 pontos).

Se tivermos em conta a idade dos inquiridos, destacam-se os mais jovens (de 18 a 34 anos), por serem um pouco menos críticos do que os outros escalões etários na avaliação ao Presidente da República, ainda que também entre aqueles o saldo seja negativo (seis pontos).

*rafael@jn.pt*

**EUROPA**

## Escolha de Costa para Conselho Europeu é positiva para Portugal

António Costa foi o escolhido para presidir ao Conselho Europeu e, de acordo com os portugueses, isso é positivo para Portugal (68%). O papel de Luís Montenegro, que se empenhou nessa eleição, também é motivo de elogio (70%), de acordo com a sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF. O ex-primeiro-ministro socialista já era apontado como o favorito há vários meses. E foi mesmo ele o escolhido para suceder ao belga Charles Michel, a partir de 1 de dezembro deste ano, na liderança do órgão em que se reúnem os chefes de Estado e de governo dos 27 países da União Europeia e onde são tomadas as decisões mais importantes para o futuro da Europa. Mais de dois terços dos inquiridos (68%) consideram a escolha positiva, com destaque para quem vota no PS (93%), mas também para os eleitores da AD (76%). Quem mais torce o nariz à escolha são os que votam no Chega (46%) e na IL (44%). Recorde-se que António Costa suscitou algumas resistências entre governantes que fazem parte da família do Partido Popular Europeu (PPE), que argumentaram com o facto de o socialista estar envolvido na Operação Influencer. E também terá sido fundamental a intervenção de Luís Montenegro (o PSD faz parte do PPE). Os portugueses dão-lhe razão: 70% acham que o atual primeiro-ministro fez bem em defender a candidatura de Costa, com destaque para os eleitores do Livre (93%), do PS (90%) e da AD (84%).

# Idade média de 15 anos e em "deterioração". IGAI aponta falhas à frota automóvel da PSP

**POLÍCIA** Conclusões constam do relatório do inquérito aberto após o acidente que vitimou uma agente. Condições da Divisão de Trânsito de Loures chegaram a ser um sufoco, com apenas um carro pronto a circular.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

**A Inspeção-Geral da Administração Interna concluiu que a situação da frota da PSP merece uma "análise técnica mais profunda".**

A auditoria da Inspeção-Geral da Administração Interna (IGAI) às condições do parque automóvel da Divisão da PSP de Loures garante que, embora estas "sejam relativamente antigas, tenham uma quilometragem elevada e mostrem sinais de desgaste ao nível da sua apresentação [...], estão em condições de circular na via pública". A conclusão está plasmada no relatório do inquérito urgente que a IGAI abriu após um acidente que, em novembro do ano passado, vitimou uma agente da PSP de Loures. A verificação da IGAI contradiz as teses feitas na altura a relacionar o estado das viaturas com o desastre. Ficou também provado que, ao contrário do que foi também alegado, os polícias não são obrigados a usar os carros sem condições.

No documento – a que o DN teve acesso –, a inspeção justifica que, no fundo, tudo isto se deve à falta de capacidade das oficinas em reparar os veículos, que, já de si, são escassos. Ao longo do ano passado houve períodos "em que existiram esquadras de competência genérica e de competência específica, nomeadamente a de Fiscalização e Intervenção Policial, que não dispunham de veículos próprios para o exercício de funções". Esta situação só foi minimizada "com a utilização de viaturas de outras divisões, mediante o balanceamento de viaturas" por decisão do Comando Metropolitano de Lisboa (Cometlis) da PSP.

Além disso, diz a IGAI, à data do acidente "havia um número considerável" de veículos à espera de autorização para serem reparados. E a própria Divisão de Loures tinha, à data dos factos, carros que tinham estado envolvidos em acidentes. Ora, tudo isto somado resultou também em "atrasos no registo de ocorrências" na zona de ação da PSP de Loures (que abarca 12 esquadras: nove de competência geral e três de competência específica). Porquê? "Houve períodos em que os efetivos tiveram de se deslocar às ocorrências em viatura afeta a várias esquadras." Esta falta de meios levou ainda a que, conclui o relatório, elementos da Equipa de Intervenção Rápida (EIR) se tenham deslocado "com algumas restrições" em carros não adaptados ao seu serviço e com limitações também "no transporte de equipamento". Isso não impediu, contudo, que os serviços fossem feitos.

A situação era tão grave que "em finais do mês de novembro" a Divisão de Loures estava num sufoco operacional. A esquadra de trânsito, por exemplo, "tinha apenas uma viatura, estando reduzida à deslocação a acidentes". Ou seja, meses depois do acidente que vitimou a agente e feriu outros três elementos da PSP, continuava a haver falhas graves ao nível dos meios de transporte da polícia. A IGAI conclui ainda que, graças à falta de abertura de concursos para a aquisição de carros, a idade média da frota automóvel da PSP é de 15 anos. A última aquisição aconteceu, segundo a inspeção, durante o ano de 2021 – ainda que em 202, existissem três pedidos para comprar veículos.

**15**

**Anos** é a idade da frota automóvel da PSP. Desde 2021 nunca mais houve aquisição de viaturas – mesmo que, no ano passado, tenham sido feitos pedidos nesse sentido.

**22**

**Acidentes** De acordo com o relatório, houve mais de duas dezenas de sinistros automóveis com carros de serviço da PSP. Um deles vitimou uma agente e feriu outros três polícias.

Nesse ano foram celebrados "sete contratos de manutenção, além de vários outros contratos de apoio à manutenção" das oficinas da PSP. Ainda assim, não mais houve uma renovação da frota e, "apesar dos quilómetros e do desgaste", os carros da PSP continuam a circular na via pública.

Responsabilidades pelo acidente? Não foram identificadas "condutas suscetíveis de preencher qualquer tipo de ilícito disciplinar", e a subunidade de Loures "viveu e vive uma situação muito delicada e grave quanto aos meios auto de apoio à atividade". Não é por isso "sustentável a imputação de responsabilidade disciplinar a nenhum elemento" da polícia. É então necessário "equacionar a oportunidade de uma análise técnica mais profunda e mais global da situação das viaturas" e que se tomem medidas para "reverter" a situação em que se encontra o parque automóvel da Divisão de Loures.

**JMJ acelerou reparações, mas teve impacto operacional**

Classificada pela própria PSP como "uma operação bem-sucedida", ainda que complexa, a Jornada Mundial da Juventude (que aconteceu em agosto de 2023) acabou por deixar marca na PSP.

No relatório, a IGAI explica que "ao longo dos meses que antecederam este evento foi dada prioridade à reparação de viaturas que se previam vir a ser necessárias ao seu policiamento". No entanto, argumenta, o "reconhecido sucesso" da JMJ "não deixou de ter reflexos no nível da afetação dos recursos logísticos e até financeiros desta força de segurança". Isto teve, conclui-se, "implicações na operacionalidade da globalidade da sua frota".

Com **VALENTINA MARCELINO**

# Ocupação de palacete fez nascer a Associação do Porto de Paralisia Cerebral

**APOIO** A instituição ajuda cerca de 3500 pessoas, mas tem dificuldade em contratar mais pessoal.

TEXTO **JORGE FONSECA***

A ocupação apressada por seis pais de jovens com paralisia cerebral de um palacete da Câmara do Porto prometido a um grupo político, em maio de 1974, fez nascer, há 50 anos, a Associação do Porto de Paralisia Cerebral (APPC). E se a "ousadia fez muita diferença para quem não tinha nada", num tempo em que só havia consultas em Lisboa ou em Madrid, Espanha, ultrapassada a parte burocrática, em 3 de junho de 1974 nasceu no Porto o apoio integrado para as pessoas com paralisia cerebral, refere Maria Zulmira Marques.

Contando que o âmbito de atuação ia desde o "Norte de Aveiro até Bragança, as equipas eram divididas por áreas geográficas, desenvolvendo um trabalho de muita proximidade com as escolas, famílias, instituições, autarquias, tudo construído ao longo dos anos".

Abílio Cunha, 60 anos, é o atual presidente da APPC, onde entrou com 13 anos, e conversa na Villa Urbana, em Gondomar, o último dos grandes projetos da APPC, que "nasceu de um sonho dos pais, alguns fundadores, para encontrar solução de habitação para os filhos quando a retaguarda falhasse", passando a residir ali em habitações individuais a partir de 28 de novembro de 2003. "É um edifício aberto à comunidade, reunindo aos serviços para a deficiência ATL, um jardim de infância e um centro comunitário", descreve.

No total, contabiliza, a APPC "apoia atualmente 3500 pessoas, das quais dois terços no centro de reabilitação", num trabalho que se estende pela Área Metropolitana do Porto através de parcerias celebradas "com 20 agrupamentos de escolas do Porto, Gondomar e Maia, com foco no centro de recursos para a inclusão, apoiado pelo Ministério da Educação". Sobre o futuro, afirma: "É preocupante, porque a fonte financiadora principal, que é na ordem dos 80%, são acordos de cooperação com a Segurança Social, e nem sempre acompanham o nível da inflação e salarial."

"Temos outro grande problema que é recrutar pessoas, porque o vencimento que podemos oferecer é muito baixo e não conseguimos pessoas com qualidade e missão", lamenta.

* *Jornalista da agência Lusa.*

JOSÉ COELHO/LUSA

**O edifício Villa Urbana acolhe pessoas com este problema.**

BREVES

## Melgaço. Quatro jovens morrem em acidente

Quatro jovens morreram após o veículo em que seguiam se ter despistado e incendiado na madrugada de domingo, em Melgaço (Viana do Castelo). Três morreram no local e a quarta vítima morreu a caminho do hospital, indicou fonte da proteção civil. O acidente teve lugar na EM 202 e ocorreu quando um veículo ligeiro se despistou, acabando por colidir contra uma árvore, causando mais dois feridos graves.

De acordo com a GNR, as vítimas "são jovens entre os 18 e os 19 anos".

Na mesma madrugada fonte da proteção civil disse que seis pessoas seguiam no mesmo veículo.

## Associação Causa Pública em debate

A Associação Causa Pública vai promover na quarta-feira, em Lisboa, um debate sobre o "estado da justiça" em Portugal e até ao final do ano irá preparar um documento estratégico com pistas para uma reforma deste setor. Presidida pelo antigo ministro socialista Paulo Pedroso, a Associação Causa Pública é uma entidade vocacionada para a reflexão política e ideológica, que se define como progressista e que tem como objetivo principal propor medidas que equipem diferentes correntes da esquerda.

O debate decorrerá a partir das 18h30 no Atrium Saldanha, em Lisboa, em parceria com a Livraria Almedina.

Opinião
Paulo Guinote

## *Rankings*

Numa sociedade democrática, que se defina pela transparência dos procedimentos e pela disponibilização aos cidadãos de toda a informação útil para tomarem as suas decisões e avaliarem o desempenho de todo o tipo de organizações, incluindo os serviços públicos, parece-me indefensável a tese de que se deve omitir a divulgação de dados quando esses são menos favoráveis ou se revelam incómodos para este ou aquele interesse, público ou privado.

Sou professor do ensino público há mais de 35 anos, lecionando sempre em escolas que estão bem mais perto da base do que do topo de qualquer *ranking*, mas não é isso que me faz defender a não publicitação dos resultados dos alunos em provas de final de ciclo do básico ou em exames nacionais do secundário.

Claro que acho que os resultados em bruto devem ser devidamente tratados e contextualizados, com variáveis que permitam compreender de forma mais rigorosa o trabalho de cada organização escolar e o serviço que presta à sua comunidade educativa. E essa é uma obrigação não apenas do poder político, com os meios para o fazer, mas também dos órgãos que se pretendem de informação da opinião pública. Se estes cedem a pressões económicas ligadas à promoção de interesses privados, devem ser os responsáveis públicos a fazer mais do que desvalorizar a questão ou a tentar ridicularizá-la.

Ao contrário de quem considera que os *rankings* prestam um mau serviço à escola pública, porque os primeiros lugares foram sendo progressivamente monopolizados por escolas privadas, defendo que a evidência dessa evolução é um retrato poderoso e incontornável do modelo dual e assimétrico do desenvolvimento económico e social do país, que resulta de um conjunto de opções políticas erradas, que vão muito além das que marcaram o setor da educação nos últimos 20 anos. Sociedade dual que as políticas educativas, apesar de retóricas inflamadas, agravaram, aprofundando desigualdades, em vez de as combater de forma efetiva, para além de uma "cosmética do sucesso" que cada vez é mais difícil mascarar.

De forma sumária, longe de esgotar um assunto complexo que não se explica com chavões, vou identificar quatro áreas críticas que ajudam a compreender a erosão do desempenho de muitas escolas públicas.

1. A imposição de uma mentalidade burocrática no tratamento das questões relativas à avaliação, preferindo-se a "fabricação" de um sucesso interno e exigindo-se aos docentes o ónus da prova pelo desempenho dos alunos.

2. A relativização do papel do conhecimento científico no currículo, reduzido a uma estrutura esquelética e aprisionada por modas transitórias.

3. Uma péssima gestão dos recursos humanos, em especial ao nível da carreira docente, com um modelo medíocre de avaliação de desempenho, ao serviço do estrangulamento da progressão, o que provocou a desmotivação ou abandono de parte do melhor capital humano que existia nas escolas.

4. Um modelo de gestão escolar que, em nome de uma pretensa responsabilização, se fechou numa concentração unipessoal de funções, colhendo o pior e desprezando o melhor do setor privado. Em muitas das melhores escolas privadas existe uma clara separação da gestão administrativa e financeira da gestão pedagógica, sendo comum a apresentação de uma equipa em vez de apenas um nome.

Sem a coragem de rever estes aspetos da política educativa, não há discurso populista *anti-rankings* que consiga esconder a realidade.

*Professor do ensino básico.*

# Jess Phoenix

# "Sismos como os que se sentem nos Açores dizem-nos que o sistema está a acordar"

**CIÊNCIA** Jess Phoenix é uma vulcanóloga norte-americana e especialista em fenómenos naturais, que já enfrentou várias situações de risco perto de 'gigantes' como o Mauna Loa, o maior vulcão ativo do mundo, no Hawai, ou o El Reventador, no Equador. Numa dessas situações valeu-lhe uma pastilha elástica.

ENTREVISTA **RUI FRIAS**

A norte-americana Jess Phoenix esteve na Glex Summit, a cimeira dos exploradores mundiais que decorreu na ilha Terceira, nos Açores, onde a terra tem tremido com maior frequência do que o habitual este ano, levando mesmo as autoridades locais a elevarem o nível de alerta para o vulcão de Santa Bárbara. Para uma vulcanóloga, poucos cenários seriam mais "fascinantes", diz. "Esta região é uma prova de que o nosso planeta está vivo."

**Para uma vulcanóloga, quão interessantes são os Açores, onde a terra treme quase todos os dias e há 26 vulcões ativos?**
Na verdade é como um sonho tornado realidade para mim estar nos Açores, porque, quando comecei a aprender sobre vulcões, olhamos para os mapas e vemos onde eles estão em todo o mundo e este conjunto de ilhas em particular fascinou-me muito, porque se encontra naquilo a que chamamos uma junção tripla, onde há o encontro de três das grandes placas tectónicas [norte-americana, euro-asiática e africana]. Por isso esta região é a prova de que o nosso planeta está a viver, a mudar e a recriar-se constantemente. Quando me convidaram para vir, disse imediatamente que sim, na medida em que é uma região fascinante.
**E a terra aqui tem tremido bastante este ano, em particular nesta ilha Terceira, onde a atividade sísmica tem estado em níveis acima do normal. Aquilo que é motivo de receio para o cidadão comum é, ao mesmo tempo, fascinante para uma vulcanóloga, motivo de entusiasmo sobre o que pode estar em curso debaixo dos nossos pés?**
A razão pela qual temos todas as estações sísmicas espalhadas pelo mundo é para podermos tomar o pulso aos vulcões e podermos monitorizá-los. Se pensarmos nisto, é um pouco como a relação médico-paciente. Quando vamos ao médico, ele verifica os nossos olhos, a nossa respiração, o nosso ritmo cardíaco e a nossa tensão arterial… Aqui monitorizamos a quantidade de gás que o vulcão está a libertar, quantos pequenos sismos existem e de que tipo são. Porque há sismos que são causados por falhas, em que a Terra está a colidir ou a afastar-se, e há sismos causados pelo magma que se move no subsolo, que são aqueles mais pequenos que se sentem num lugar como a Terceira. Chamamos-lhes os sismos vulcano-tectónicos e esses dizem-nos que o sistema está a acordar. Isto é algo interessante e fascinante para nós, cientistas, mas para o público temos de ser muito claros. Temos de dizer às pessoas que estamos atentos e que as informaremos se houver alguma razão para se preocuparem. Sejamos realistas: onde quer que vivamos no mundo, há algum tipo de geologia que pode constituir um perigo. Eu vivo em Los Angeles, onde há muitos terramotos. E a não ser que sejam de magnitude 6 ou superior, não nos levantamos da cama por causa disso. Claro que se vivemos perto de um vulcão e sentimos pequenos abalos, e os sentimos com frequência, posso compreender perfeitamente que as pessoas fiquem preocupadas. Mas temos excelentes cientistas que monitorizam estas coisas diariamente e o objetivo primordial é sempre manter toda a gente segura.

> *"Esta região dos Açores é a prova de que o nosso planeta está a viver, a mudar e a recriar-se constantemente."*

**No entanto, continua a ser um exercício muito difícil, o de prever quando vem um grande terramoto ou uma grande erupção.**
Sim, não os podemos prever ainda, de facto. Podemos apenas dizer que é mais provável que vejamos uma erupção num determinado período de tempo, mas não podemos afirmar com exatidão que é na próxima quarta-feira, às 15 horas. Quem me dera que pudéssemos, mas não, ainda não é possível. Também devemos lembrar-nos de que só estamos na era moderna da vulcanologia, enquanto ciência, há muito pouco tempo, desde que o monte St. Helens entrou em erupção nos EUA em 1980. Ainda estamos a aprender e a compreender como podemos conviver melhor com os vulcões todos os dias.
**Nessa avaliação e monitorização dos perigos vulcânicos, qual a melhor forma de comunicar esses riscos à comunidade? Quão importante é esse trabalho?**
É a coisa mais essencial que fazemos. Não basta compreendermos que este vulcão pode entrar em erupção, que aquele está a libertar mais gás e que, naquele outro, o tipo de gás mudou. Isso não interessa se não formos capazes de o contar às pessoas, porque são elas que vivem perto de vulcões ativos como estes aqui nos Açores. E este grupo de ilhas é apenas uma área. Em todo o mundo há cerca de 500 milhões de pessoas que vivem nas zonas de perigo dos vulcões ativos. Portanto, é muita gente que pode ver os seus dias arruinados se não fizermos o melhor trabalho possível, se não a educarmos e lhe dermos as melhores ferramentas para lidar com os riscos naturais da área onde vive. E isso passa pelo conhecimento. Por isso a comunicação é uma peça-chave para se fazer boa ciência.
**Como diz, os vulcões têm impacto nas comunidades locais e o envolvimento dos cidadãos é crucial. É-o também para a investigação? Que papel desempenha a ciência cidadã na sua atividade?**
É muito importante, porque há pessoas que vivem em locais perto de vulcões e que podem dar excelentes *feedbacks* e informações do terreno. Por exemplo, o simples facto de haver alguém a dizer que caíram umas pedras perto de casa da avó, ou de quem quer que seja, pode levar o cientista a ir investigar essas pedras e perceber que na verdade resultaram de uma atividade geológica que ocorreu naquele lugar há centenas ou milhares de anos e com isso perceber que tipo de terramotos ocorreram naquele sítio… Ou podem dizer: "Da última vez que o vulcão entrou em erupção, eis o que aconteceu. Ou, da última vez que tivemos um terramoto com muita atividade sísmica, foi muito forte durante cerca de uma semana e depois desapareceu", etc. Quando ouvimos os indivíduos contarem essas memórias ou mostrarem vestígios de algo que ocorreu, tudo isso são documentos que ajudam

a construir a história desse local, e isso é muito importante. Hoje em dia também estamos a utilizar dados dos *smartphones* das pessoas. O Serviço Geológico dos Estados Unidos, que funciona em todo o mundo, tem uma aplicação que permite comunicar os sismos que sentimos e organiza isso numa base de dados. É um relatório *did-you-feel-it* que permite obter o *feedback* dessas mesmas pessoas.

**Que tipo de informações conseguem obter com isso?**

Mostra-nos, por exemplo, como os sismos afetam as pessoas que vivem em diferentes tipos de rocha, diferentes tipos de terreno. Nem toda a gente constrói a sua casa sobre um pedaço de rocha sólida. Por vezes estão numa zona onde a rocha está um pouco mais fragmentada ou vivem mais perto de uma praia, onde o solo é um pouco mais arenoso. Isso permite-nos saber como as ondas libertadas pelo terramoto se deslocam através do solo e ajuda-nos a compreender melhor quais as zonas mais seguras ou os pontos mais perigosos, por exemplo.

**O que a inspirou para se interessar pelo estudo dos vulcões?**

Bem, foi em grande parte porque eu queria saber simplesmente o porquê. Sempre essa pergunta: porquê. Porque é que as montanhas existem? Porque é que os oceanos se formaram? Porque é que os vulcões entram em atividade? E tive sorte, pois estava a tirar o curso de Geologia, não sabia em que me iria especializar e resolvi candidatar-me ao Observatório de Vulcões Havaiano para fazer um estágio de verão. No meu terceiro dia de trabalho fui pela primeira vez ao cume do Mauna Loa, o maior vulcão ativo do mundo. Subimos até ao topo e olhámos a imensidão em volta. Os outros cientistas já lá tinham estado antes, por isso foram-se embora assim que acabou a missão. Mas eu simplesmente não conseguia. Fiquei impressionada porque estava a pisar terra que era mais nova do que eu. Eu teria dois anos quando aquela lava se formou. Esse facto dá-me arrepios ainda agora só por estar a falar sobre isso, porque é tão incrível pensar que o nosso planeta ainda está a mudar, que não está morto ou estático. Tem vida, e nós fazemos parte dela.

**Foi essa a mais memorável experiência vulcânica que vivenciou até hoje?**

Oh, não. Foram tantas… Uma das minhas favoritas foi quando estava a trabalhar no vulcão El Reventador, no Equador. Esse nome significa o eruptor ou o detonador e é um nome muito bom para ele. Fica a quatro quilómetros da bacia do Amazonas, portanto estamos no limite da faixa montanhosa do Equador e há uma grande caldeira, enorme, onde o antigo vulcão se desmoronou, e no seu interior há um cone mais jovem, um vulcão que se está a formar e que entra em erupção de meia em meia hora. Portanto, de meia em meia hora temos uma erupção explosiva. De facto, veem-se bombas de lava a sair do vulcão e a rolar pelos lados do cone. À noite, quando as erupções acontecem, vemos as cinzas a subir diretamente para o ar, as cinzas e os gases, mas depois vemos rochas vermelhas incandescentes a rolarem pelos lados do vulcão a grande velocidade. Não há nada como isto, porque quando estamos perto de uma erupção explosiva como esta podemos senti-la no nosso peito, como se estivéssemos a ouvir música *deep bass*, com graves muito profundos, porque os vulcões produzem sons em que a frequência está abaixo do que o ouvido humano consegue captar. Por esse facto sentimo-la no nosso corpo, mas nem sequer a ouvimos com os nossos ouvidos. É tão primitivo e causa uma impressão tão forte, porque a qualquer momento podemos morrer, mas estamos lá para tentar aprender mais, para que possamos manter as pessoas mais seguras. E vale a pena. É uma daquelas experiências em que sentimos que o risco compensou.

*"Em todo o mundo há cerca de 500 milhões de pessoas que vivem nas zonas de perigo dos vulcões ativos."*

**Li sobre si que uma vez teve de inventar uma solução à MacGyver para escapar de uma zona remota. Quer-nos contar como foi isso?**

Oh, deixe-me ver… qual terá sido? Na Austrália. Com um pedaço de pastilha elástica? Ah, essa não foi na Austrália. Na verdade foi no maior vulcão do mundo, no Hawai, numa área remota sem rede de telemóvel, em que estamos a milhas de distância de qualquer coisa. Então, nesse dia estávamos a conduzir um jipe alugado e um pneu estava em baixo. Não tínhamos reparado quando levantámos o carro e só demos conta quando mais era necessário, quando estávamos a conduzir sobre lava e o pneu furou. Então começámos a olhar em volta, a tentar perceber como nos poderíamos safar e a perguntarmo-nos o que é que tínhamos connosco que pudesse ser útil. Peguei numa esferográfica e enfiei-a no buraco para estancar a perda de ar, mas depois precisávamos de algo para o selar. E então lembrei-me que tinha pastilha elástica na minha mochila… pegámos na pastilha elástica, mascámo-la, arranjámos fita adesiva, daquela prateada, grande e forte, que também tínhamos connosco, tirámos a caneta, pusemos a pastilha elástica, envolvemos com a fita adesiva e conseguimos estancar a fuga de ar a tempo de podermos sair do vulcão. Se alguém que está a ler isto e quiser tornar-se um cientista e trabalhar no terreno, precisa de ter capacidades criativas para resolução de determinados problemas.

**E levar sempre uma pastilha elástica…**

Sim, eu levo sempre (risos). Nunca se sabe quando vai ser útil. Já trabalhei em várias situações inóspitas. Estive no fundo do mar com um robô submersível, no interior de um vulcão, trabalhei com helicópteros na Tanzânia. Um dia estávamos a filmar e o microfone, o braço que segura o microfone, partiu-se e não havia forma de manter o microfone no ar. E depois olhámos em volta, estávamos numa aldeia cheia de guerreiros maasai, não havia lá nada que pudéssemos usar exceto ossos de animais, porque eles só comem carne. Então lembrei-me: "Tragam fita-cola e vamos colar este osso de animal e usá-lo para apoiar o microfone." É assim que fazemos ciência. Claro que não é perfeito, pois há sempre coisas que correm mal e há que ser criativo.

**Para terminar, a Jess concorreu ao Congresso nas anteriores eleições norte-americanas, pelo Partido Democrata. É uma experiência que tenciona repetir desta vez?**

Não, nunca mais. Mas acredito realmente que é importante, onde quer que vivamos no mundo, envolvermo-nos com a política local, porque, se queremos políticas baseadas em factos e evidências, temos de ter cientistas e pessoas que entendam a ciência entre os eleitos. Concorri uma vez, já fiz a minha parte. Agora é a vez de outros tentarem, porque o que pode acontecer é conseguir de alguma forma envolver pessoas que nunca tinham estado envolvidas na política, e só por isso já vale a pena.

*O jornalista viajou para a Terceira a convite da Glex Summit.*

São Francisco em ruínas. Uma imagem histórica captada por George Raymond Lawrence em 1906.

# Lá do alto, a fotografia de Lawrence espreita o mundo

**CIÊNCIA *VINTAGE*** Em 1906, um "comboio" de papagaios de papel elevou-se nos céus a transportar uma enorme câmara fotográfica. A ascensão fez-se frente à cidade de São Francisco, devastada pelo terramoto. A fotografia panorâmica subia às nuvens e aos palcos internacionais pelas mãos de um inventivo norte-americano, George Raymond Lawrence.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Em fevereiro de 2000, o vaivém espacial Endeavour, ao serviço da NASA, embarcou um complexo sistema de radares. Os 11 dias da operação STS-99, mais commumente designada Missão Topográfica Radar Shuttle, levavam como objetivo completar uma carta digital de alta resolução da Terra. As imagens daí resultantes podem ser consultadas na página *online* Visible Earth, da NASA. Uma imagem em particular, publicada a 16 de fevereiro de 2000, e intitulada "Perspective View, San Andreas Fault" ("Vista em Perspetiva, Falha de Santo André"), torna visível ao olho do observador a fronteira geológica ativa entre duas placas tectónicas há muito envolvidas num jogo conflituoso. O rasgo a que assistimos nas montanhas na imagem captada a partir do espaço marca a linha tumultuosa de contacto entre a placa norte-americana, com 76 milhões de quilómetros quadrados, e a placa do Pacífico, com 103 milhões. O Estado norte-americano da Califórnia é ponto de atrito entre as duas placas. A Falha de Santo André, rasgo que se estende por 1290 km, é a face visível desta fronteira. Ali, as duas forças tectónicas digladiam-se. A placa norte-americana desliza 14 mm por ano no sentido sudeste, enquanto a placa do Pacífico se desloca no sentido oposto, a 5 mm por ano. De quando em vez, a resistência entre elas aumenta. A energia do movimento acumula-se, para se libertar repentinamente.

Na madrugada de 18 de abril de 1906, precisamente às 5h14, a cidade de São Francisco acordou do seu sono sob o rugido e tumulto da Falha de Santo André. A terra agitou os alicerces da urbe ao longo de um minuto. O terramoto, estimado em 8,25 na escala de Richter, mudaria a face da cidade. Ao caos gerado pela ruína dos edifícios seguiram-se dias de fogo e morte. A infraestrutura de gás e eletricidade da metrópole com 410 mil habitantes, a nona em população dos EUA, soçobrou e ateou chamas insaciáveis. Findas 72 horas de fogo, dois terços da cidade sucumbiram ao terramoto e incêndios e perto de 500 quarteirões eram agora cinzas. Mais de 250 mil pessoas ficaram sem casa. Estima-se a morte de três mil indivíduos.

Um mês após a tragédia de São Francisco, a 28 de maio de 1906, um fotógrafo, nascido no Estado do Illinois em 1868, captou uma das imagens mais marcantes da história da fotografia nos Estados Unidos. George Raymond Lawrence, descendente de uma família de emigrantes alemães, lançou aos céus uma câmara fotográfica suportada por um "comboio" de 17 papagaios de papel, cintados com uma extensíssima corda de piano. As fotografias que resultaram de um voo a 600 metros de altura fizeram história. O horror da cidade devastada apresentava-se frente ao observador, numa tomada a partir da baía de São Francisco e Lawrence provava uma vez mais o seu dom para a fotografia panorâmica de grande dimensão. Desde o início do século XX que percorria o seu país natal a captar imagens aéreas de urbes, estádios, pistas de corridas, das Convenções de 1904 e 1908 do Partido Republicano, também os grandes espaços naturais dos Estados Unidos. Na época, a fotografia panorâmica não era uma novidade, na medida em que Friedrich von Marten, nascido em Itália, criara o daguerreótipo panorâmico. Em 1844 o inventor apresentara o Megaskop, a primeira câmara capaz de tirar fotografias panorâmicas. Nos Estados Unidos, na década de 1860, George Barnard fotografara em cenas panorâmicas os exércitos no decurso da Guerra Civil Americana. Em França, Félix Nadar subira num balão de ar quente ao firmamento sobre Paris, em 1868, para dali fotografar a feição da cidade. Contudo, George Raymond Lawrence exponenciou a fotografia aérea panorâmica e os meios para a obter.

O mais velho de seis irmãos, Lawrence mudou-se, por volta de 1890, do seu Estado natal do Illinois para a cidade de Chicago. Ali, frente ao lago Michigan, começa por trabalhar numa empresa de construção de carruagens, casando-se com Alice Herenden, com quem virá a ter dois filhos. Atrai-o o florescente negócio da fotografia e funda o Lawrence Portrait Studio, a par com o fotógrafo Irwin W. Powell. No laboratório fotográfico que monta aperfeiçoa o método de fotografar com lanterna, anterior ao desenvolvimento do *flash*. Em 1900 lança-se no seu maior projeto até ao momento e constrói a maior câmara fotográfica do mundo, um artefacto colossal. A pesar 640 kg, com um fole de seis metros e a exigir ser operada por 15 pessoas, a câmara trazia um objetivo comercial. A foto resultante, com uns majestosos 2,5 metros de comprimento por 1,2 metros de altura, respondia ao pedido da empresa que operava o Alton Limited Train, um comboio de luxo que operou entre 1899 e 1971 entre as cidades de Chicago e Saint Louis. As duas lentes alemãs Carl Zeiss, as maiores do mundo, captariam a imagem que viajaria para França sob os auspícios da Exposição Universal de Paris de 1900. A mostra que reuniu sob a sombra da Torre Eiffel, inaugurada quatro anos antes, 40 países e inúmeras colónias e protetorados franceses deu mundo à fotografia do norte-americano. Entre 14 de abril e 12 de novembro de 1900, 48 milhões de visitantes rumaram à exposição. A fotografia aérea de Lawrence deixaria a capital francesa com o Grande Prémio do Mundo pela Excelência Fotográfica, isto sem que antes o cônsul-geral francês em Nova Iorque tenha visitado Chicago para se assegurar da existência da mítica câmara.

No seu país, o fotógrafo acumulava trabalhos comerciais. Após 1906 e a sua histórica foto da ruína de São Francisco e os proventos que resultaram da comercialização da imagem captada pela câmara a pesar 22 kg, Lawrence empreendeu uma jornada internacional. Na África Oriental Britânica (correspondente a parte do atual Quénia), o norte-americano lançou-se numa desastrosa expedição de fotografia aérea da fauna local. Corria o ano de 1908 e George debatia-se com problemas no contexto familiar, pois Alice, a sua mulher, descobrira o caso que Lawrence mantinha com a secretária, Adele Frances Page. Consumado o divórcio, o fotógrafo viria a casar-se em 1916 com Adele, com quem teve quatro filhas. Na época, a inventiva de George virara-se da fotografia para a aviação, com a criação de uma empresa de aeronáutica. Nos anos seguintes patentearia mais de uma centena de dispositivos para o emergente setor da aviação, mas em 1919 a empresa faliu. George Raymond Lawrence morreu em 1938 na cidade que lhe trouxe fama, Chicago.

Em 2006, um helicóptero ganhou altitude próximo à baía de São Francisco. A bordo seguia o fotógrafo Ronald K. Lein e Mark Walsh. A 600 metros de altura, o aparelho deteve-se frente à cidade de São Francisco. Nesse momento, Walsh captou um instantâneo da cidade californiana e fê-lo com recurso a uma réplica funcional da câmara usada exatamente 100 anos antes por Lawrence, de quem Mark Walsh é bisneto.

## Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT para nos fazer um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal. Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

# Cuca Roseta
# "Trocava a vida por um dia com uma monja que vive com 14 cães, macacos, tigres e leões"

**Se pudesse ter um qualquer super-poder, qual escolheria e porquê?**
Ser invisível e poder voar.

**Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?**
*Sissi – A Imperatriz* e *Avatar*.

**Qual é a comida mais estranha que já experimentou?**
Pombo.

**Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?**
Para os palácios, as princesas e os vestidos longos, os cavalos, as carroças e jardins, a música erudita.

**Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?**
Pocahontas.

**Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?**
Forró.

**Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?**
Uma monja, que vive nos Himalaias, que conheci; vive com 14 cães, macacos, tigres e leões.

**Qual é a música que sempre a faz dançar, não importa onde esteja?**
Samba, coladera ou funaná.

**Se tivesse que viver num filme, qual escolheria e porquê?**
O *Avatar* da água, porque me identifico com os valores dos Na'vi, com a defesa e a conexão com a natureza, a fé e a espiritualidade.

**Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?**

A fadista Cuca Roseta tem 42 anos.

PAULO MARTINS

Não sei, acho que de todos os presentes que recebi gostei e não achei estranho.

**Se fosse um animal, qual seria?**
Um elefante, pois é o único animal que está em paz porque não pode ser comido por ninguém, pelo que vive sereno na sua missão.

**Qual a sobremesa favorita que nunca recusaria?**
Não gosto de doces. Nem adoro fruta muito doce, na verdade não como sobremesas, quanto muito fruta entre as refeições. Pelo que rejeitaria todas.

**Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?**
Dia do Fado, todas as pessoas criariam as suas casas de fado à porta e cantavam e festejavam juntas, uma espécie de festas Del Rocio, mas de fado.

**Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?**
Tocar bateria, tenho aulas sempre que posso e foi das descobertas mais incomuns da minha vida, nunca me passou pela cabeça gostar tanto! Também adoro ir com a minha filha para os trampolins e andar de baloiço continua a deixar-me feliz. Sou cinturão preto 2 Dan taekwondo, embora já não pratique com a regularidade que gostaria, mas pode ser considerado um *hobby* incomum para uma fadista.

**Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?**
Michael Jackson para poder fazer música com ele.

**Qual é a piada mais engraçada que conhece?**
Nunca me ri muito com as anedotas ou a comédia. É muito difícil alguém me conseguir fazer rir, normalmente apanho ataques de riso com piadas de que ninguém se ri, tipo está um elefante em frente a uma formiga no cinema e durante a primeira parte ela não vê nada, pelo que no intervalo passa para a frente do elefante a ver o resto do filme a olhar para trás com sorrisos sarcásticos. O elefante, enquanto bebe a sua Coca-Cola e come as suas pipocas, não entende o que se passa com a formiga e quando termina o cinema ela diz ao elefante: "É lixado, não é?"

**Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?**
Os pássaros, gostava de saber qual a sensação de voar. Algo que adoraria.

**Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?**
Dizem muitos terapeutas que tenho mediunidade, estou a tentar despertar com curiosidade para esse meu lado mais intuitivo. É uma talento mesmo oculto, porque não penso pô-lo em prática nem sair por aí a ler o Tarot, mas estou a adorar a formação que tenho tirado nessas áreas.

**Se fosse uma cor, qual seria e porquê?**
Amarelo! A minha cor preferida desde pequenina, tudo amarelo. Cama amarela, mala amarela, primeiro carro amarelo. É a minha cor, é a que me faz sentir mais feliz, alegre e poderosa.

**Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?**
*I love you*, porque não há nada melhor no mundo do que a sensação de amarmos alguém.

**Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?**
Um teletransporte para poder estar em dois segundos em Hong Kong ou na Austrália. Tirava a parte cansativa das viagens.

**Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?**
Se a pessoa compra, é porque não acha que seja ridículo. Não me recordo de ter comprado nada que achasse ridículo.

**Se tivesse que comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?**
Ovos.

**Qual é a sua memória de infância mais engraçada?**
Irmos a cantar todos no carro nas viagens com os meus pais, apanhar amoras em Sintra e ir buscar água à fonte nos garrafões. Descer o monte na Areia Branca de bicicleta, muito íngreme.

**Se fosse um meme, qual seria?**
Um meme muito feliz.

**Qual seria o título da sua autobiografia?**
A vida é uma surpresa boa.

**Se pudesse ser um personagem de videojogo, quem seria?**
O príncipe da Pérsia.

**Qual é o seu trocadilho ou piada favorito?**
Hás de querer é hás de ter.

**Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?**
Andava por todo o lado feliz da vida, sem ter que falar com ninguém. Às vezes sou bicho do mato.

**Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?**
A tocar cana rachada.

# Museu da Água 2024

FOTOGRAFIA **LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS**

O Aqueduto das Águas Livres, em Lisboa, concluiu este ano uma grande intervenção, que permitiu ao Museu da Água inaugurar, em abril, uma nova visita, que mostra três locais até agora fechados ao público. O trajeto parte de Monsanto e vai até ao Miradouro de São Pedro de Alcântara, por dentro de arcos aéreos e galerias subterrâneas.

O ano também ficou marcado pela mudança no ranking da tipologia de visto.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

# Vistos solicitados no Brasil aumentam 89% em um ano

**TRABALHO** O visto de procura de trabalho, lançado no final de 2022, foi o mais solicitado nos postos consulares, com 36% do total. No ano anterior, o visto de estudante era o mais pedido.

TEXTO **AMANDA LIMA**

A procura por Portugal como destino de morada com visto está em alta mesmo antes do fim da manifestação de interesse, anunciada o início de junho. De 2022 para 2023, o aumento nos pedidos de visto no Brasil foi de 89%, de acordo com dados do Ministério dos Negócios Estrangeiros e obtidos pelo DN Brasil. Foram 11.686 em 2022, enquanto no ano passado o número subiu para 22.126.

O ano passado também marcou uma mudança na tipologia de visto mais solicitada. O principal motivo do pedido passou a ser o visto de procura de trabalho, lançado em novembro de 2022. Até então, o *ranking* era dominada por pedidos para estudo e investigação, com 30% do total, seguido de programas de intercâmbio e voluntariado (18%) e para atividade docente (13%). A percentagem de 13% também equivalia aos imigrantes empreendedores, o famoso visto D2, e, na sequência, o visto D7.

A partir do ano passado, o perfil dominante mudou do estudante brasileiro para o trabalhador. O visto para procurar um emprego em Portugal foi solicitado quase 8 mil vezes, num total de 36% dos 22.126 casos. Em segundo lugar, com 13% esteve o visto para acompanhante, ou seja, familiar de quem solicitou o documento. A categoria não aparecia, em 2022, no ranking dos mais buscados.

Um fator que pode explicar os casos é a dificuldade em conseguir um reagrupamento familiar depois de já estar em Portugal. Há quase um ano não são disponibilizadas vagas para este tipo de atendimento. O portal de reagrupamento familiar existente, lançado em janeiro deste ano, é exclusivo para crianças de 5 a 15 anos. Estão excluídos adultos sem filhos e todos os cidadãos com título da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que somam mais de 150 mil pessoas.

> Com o fim das manifestações de interesse, se reduz as chances de conseguir um título de residência em Portugal sem visto prévio. O Governo promete um reforço nos postos consulares em setembro, para atender ao aumento de pedidos de vistos.

As demais tipologias em 2023 mantiveram-se estáveis, como visto de estada temporária para intercâmbio (12%), residência de investigação (11%) e para aposentados (7%).

### 35.801 vistos de procura de trabalho

Desde a criação do documento, em novembro de 2022, foram emitidos 35.801 vistos de procura de trabalho em Portugal. O Brasil foi o país com mais busca pela nova modalidade,com 12.852 permissões concedidadas a cidadãos que vivem no território brasileiro. Não há estatísticas disponíveis sobre os outros países, mas o MNE confirma que "os postos consulares nos países CPLP concederam 91% de todos os vistos desta tipologia".

Esta modalidade foi criada para estimular a imigração com visto no país d e origem e suprir a falta de mão de obra em setores específicos do país. É o caso da restauração, hotelaria e construção civil. Somente na área da restauração, a estimativa oficial da altura era que faltavam 50 mil profissionais.

### Demora na apreciação

Tem sido recorrente a reclamação sobre a demora para apreciação e liberação dos vistos. O tema ganhou mais proporções nas últimas semanas, com o fim das manifestações de interesse. A previsão é que aumentem os pedidos de visto no país de origem, por não estar mais disponível a até então principal opção para obter um título de residência sem visto prévio.

O DN Brasil questionou a VFS Global, empresa privada que detém o serviço em parceria com o MNE, sobre o aumento de pedidos nestas últimas semanas. No entanto, não obteve resposta até o fecho deste texto. O DN Brasil questionou igualmente se a empresa contratou mais funcionários para atender a demanda prevista com o fim das manifestações de interesse.

O Governo reconhece que é preciso agilizar o tempo de espera pelos vistos. No último sábado, o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário, disse que haverá normalização no atendimento dentro de pelo menos um ano". O secretário anunciou a substituição dos computadores de todos os funcionários, a modernização dos equipamentos de leitura eletrónica de dados biométricos e a contratação de mais de 80 funcionários a serem admitidos nos postos consulares com mais maiores problemas. No entanto, não há prazos nem locais definidos.

*amanda.lima@dn.pt*

Festa juntou muitos brasileiros e portugueses de todas as gerações.

FOTOS NUNO BRITES/GLOBAL IMAGENS

Geraldo Oliveira é o presidente da associação de imigrantes Global Diáspora.

# Diáspora Fest: um fim de semana no parque em Leiria ao ritmo e sabores do Brasil

**IMIGRAÇÃO** Grupo extremista tentou hostilizar brasileiros na festa, mas foram contidos pelos próprios portugueses e pela PSP.

TEXTO **AMANDA LIMA**

A terceira edição da Diáspora Fest em Leiria ocorreu no fim de semana, com a passagem de milhares de pessoas na programação do evento. Promovido pela associação Global Diáspora, as lideranças avaliam que o objetivo foi cumprido: ter dois dias de atividades culturais gratuitas para toda a família e a promoção da contribuição dos imigrantes na cidade. "Os imigrantes são um contributo muito importante para a cidade", avalia ao DN Brasil Gonçalo Nuno Bértolo Gordalina Lopes, líder municipal de Leiria. O presidente da Câmara visitou os estandes e, pela primeira vez, provou caldo de cana.

O produto, iguaria popular entre brasileiros, foi uma das novidades da festa. Maria Edite Rodrigues estreou a máquina de moer cana recém comprada. "Eu queria fazer algo diferente, então pensamos no caldo de cana, depois de muita pesquisa", conta a imigrante, que vive em Leiria há cinco anos. Ao lado do marido Jaime Santos, português que morou muitos anos no Brasil, relata ao DN Brasil que a experiência foi um sucesso.

**"É como voltar um pouquinho pra casa"**

A curitibana Camila Pacheco, avalia que a Diáspora Fest é "como voltar um pouquinho pra casa". Vivendo em Leiria há mais de quatro anos, diz que não pretende mudar de cidade. "Leiria é completa, tem paz, segurança, a calmaria de uma cidade pequena e também tudo que encontramos em uma cidade grande", ressalta a empresária da área de construção civil.

Camila admite que influenciou "um pouquinho" a vinda da amiga de longa data Thayssa Borges, que acaba de completar um ano em Leiria. "Amei a cidade, queremos morar aqui para sempre" relata. O Parque do Avião, uma área arborizada, central e ao lado do rio Lis, sedia a festa desde a primeira edição. Geraldo Oliveira, presidente da associação de imigrantes Global Diáspora, ressalta que o apoio de parceiros, brasileiros e portugueses, é essencial para a realização da festa. A Câmara Municipal também apoia a iniciativa e contribui em várias áreas.

Geraldo tem como lema "não somos carentes, somos potentes" e acredita na força do associativismo como forma de integração. Por pouco, o evento não foi interrompido no domingo. O começo das atividades, pouco depois das 13h, foi marcado por gritos de "Brasileiros fora" e hostilização de quem passava. Num megafone, estava Afonso Gonçalves, líder do movimento extremista Reconquista.

Os elementos foram contidos pela Polícia de Segurança Pública (PSP), chamada ao local. Todas as ações foram filmadas pelo próprio Afonso. "Os primeiros a chegarem lá para nos defender foram os portugueses", conta Geraldo. O presidente tentou conversar com um dos integrantes, que estava vendendo produtos com a marca do grupo Reconquista. "Eu disse que ia comprar, entreguei 10 euros. Quando pedi a factura, ele recuou", conta. O brasileiro vê esse tipo de movimento extremista como perigoso, mas a resposta ficou por conta da integração: a festa seguiu como planejada, de forma pacífica, ordeira e, acima de tudo, com alegria.

*amanda.lima@dn.pt*

## JANTAR BRASIL GLOBAL E DEMOCRACIA

Mais uma edição do jantar Brasil Global será realizada pelo DN Brasil e o Cícero Bistrot. Desta vez, o tema será "Porque a democracia brasileira não morreu?", que dá nome ao livro dos pesquisadores Marcus André Melo e Carlos Pereira. O jantar-debate será no dia 17 de julho, no Cícero Bistrot. Está confirmada a presença também de Gilmar Mendes, ministro do Supremo Tribunal federal (STF), como debatedor ao lado dos escritores. Haverá a presença de autoridades, pesquisadores e políticos brasileiros e portugueses. Na edição passada, o tema do Brasil Global foi a inteligência artificial e democracia, com o sociólogo brasileiro Marco Rudiger.

Dia do Brasil no Porto. Já começa a movimentação para as comemorações do 7 de setembro em Portugal. Uma das festas mais tradicionais e antigas é o Dia do Porto no Porto, que reúne anualmente mais de 3 mil pessoas. A edição 2024 está marcada para o dia 8 de setembro, em local a ser confirmado em breve. Já estão abertas as inscrições para expositores interessados, em especial da área gastronômica, para garantir que o público possa degustar os pratos típicos da culinária brasileira. O email de contato para os interessados é: batucadaradical@hotmail.com. A organização da festa é da associação cultural Batucada Radical, existente há 30 anos. O Dia do Brasil no Porto ocorre anualmente desde 2003.

**DN BRASIL**
**É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um *site* com atualização diária e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.**

FERNANDO TIMÓTEO/LUSA

**Desde 2019 que Portugal importa cerca de 300 milhões de litros de vinho por ano.**

# Produtores de vinho pedem ao governo mais 30 milhões para acabar com excedentes

**APOIOS** Bruxelas aprovou a mobilização de 15 milhões de euros para uma destilação de crise em Portugal, mas admite que montante possa vir a ser complementado até 200% com verbas nacionais. Há 200 milhões de litros de vinho em excesso no mercado nacional.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Portugal prepara-se para, pela quarta vez em cinco anos, fazer uma nova destilação de crise, ou seja, pagar para que os vinhos em excesso no mercado sejam queimados e transformados em álcool para fins industriais e energéticos. São 15 milhões de euros que Bruxelas aprovou, esta semana, para esta destilação "temporária e excecional", que pretende ajudar a fazer face a uma acumulação de *stocks* "sem precedentes". O ministro da Agricultura já avisou que a proposta tem ainda de ser aprovada e que será votada, dia 19 de julho, no colégio de comissários, mas o setor considera o valor insuficiente, atendendo à existência de cerca de 200 milhões de litros de vinho por vender.

Pouco se sabe ainda sobre como será operacionalizada a destilação, sendo certo que, em comunicado, o ministro da Agricultura deixou já claro que se trata de uma medida "que não será repetida no futuro" e que a atribuição do apoio "vai obedecer a rigorosos critérios e regras de elegibilidade e de controlo". Mais, os produtores que tenham importado vinho nos últimos três anos "não são elegíveis para receber apoios à destilação". Na sexta-feira, no Parlamento, José Manuel Fernandes alertou que a destilação é "um pequeno paliativo" e não a solução para o problema do setor e prometeu "reforçar brutalmente" a fiscalização da entrada de vinho no país.

A questão é que desde 2019 Portugal tem importado quase 300 milhões de litros de vinho ao ano. Ou, como refere o presidente da ANDOVI, a Associação Nacional das Denominações de Origem, "é o equivalente a um milhão de garrafas ao dia, todos os dias do ano. Isto é uma loucura e cria suspeição sobre como é que esse vinho está a ser introduzido no mercado", diz Francisco Toscano Rico, que é também o responsável da Comissão Vitivinícola da Região (CVR) de Lisboa. Em 2013 o país importava metade deste valor.

Entretanto, em 2020, e no âmbito das medidas de apoio à crise no setor por causa da pandemia, o Estado disponibilizou 18 milhões de euros, 12 dos quais para uma destilação de crise e seis para ajudas ao armazenamento. Verbas que não chegaram a ser totalmente utilizadas nesse ano.

Em 2020 foi aprovada a queima de quase 12 milhões de litros de vinho. Em 2021, nova destilação de crise, embora referente ainda ao programa de apoio ao setor por causa da covid, permitiu retirar quase 18 milhões mais de excedentes, sendo que o preço pago foi o mesmo do ano anterior. Em 2023 foram 20 milhões de euros destinados ao mesmo fim e serviram apenas para retirar do mercado pouco mais de metade do vinho que estava nas adegas: os vitivinicultores propunham-se entregar para destilação quase 58 milhões de litros, mas só houve dinheiro para 30 milhões.

Para complicar uma situação que já de si era difícil, a vindima de 2023 foi de cerca de 750 milhões de litros, a maior desde 2006 e "uma das mais elevadas das últimas duas décadas", indicou o INE no final do ano passado. O que, associado a uma quebra das exportações e a uma redução do consumo no mercado nacional, criou a tempestade perfeita. Só estas duas quebras explicam cerca de 150 milhões de litros a menos do que em 2022.

Nova vindima está à porta e as adegas continuam cheias. Há regiões, como o Douro, em que já em maio havia viticultores a serem informados pelos operadores de que este ano não lhes iriam comprar uvas. Mas a preocupação é transversal ao país, em especial às zonas com maior peso de vinhos tintos, como o Alentejo e Lisboa. No ano passado, só estas três regiões foram responsáveis por três quartos dos vinhos candidatos à destilação. Este ano a grande questão é saber em que termos será feito este apoio e com que montantes.

Bruxelas diz que os 15 milhões que atribui de fundos europeus podem ser complementados "até 200% com fundos nacionais". Ou seja, até 30 milhões de euros, que é o que o setor reclama. A dúvida é se o governo irá tão longe e a que preço será pago o vinho a destilar. Em 2020 e 2021 o valor foi igual em todo o país, com exceção das zonas de viticultura de montanha, como o Douro. Em 2023 foram pagos preços diferen-

ciados região a região – com valores que variariam entre os 44 cêntimos por litro de Trás-os-Montes e 76 cêntimos da Bairrada. No Douro foram pagos 90 cêntimos por litro, o que gerou protestos e a convicção de que, se o preço fosse igual, teria sido possível escoar muito mais vinho.

Para Toscano Rico, a regionalização de preços foi "um erro" que levou a que, "face à dimensão do envelope disponível, de 20 milhões, se acabasse por destilar muito pouco". Este ano, defende, "se diminuirmos a quantidade máxima que cada viticultor pode entregar, se calhar podemos ser mais inclusivos". Além disso, argumenta, o preço deve ser igual em todo o país, com exceção "talvez" do Douro. "O valor da destilação é para compensar os produtores, é para minimizar a situação", diz. Sendo este um "paliativo", uma "medida de recurso meramente conjuntural", a ANDOVI pede que estruturalmente seja acompanhada por mais fiscalização no terreno, nas adegas e nas estradas, "como medida dissuasora, mas também de repressão da fraude". A associação quer ainda que a ASAE recorra a métodos analíticos de despiste da origem dos vinhos colocados no mercado, de modo a apurar se há vinhos portugueses a serem misturados com os vinhos espanhóis importados.

A menção obrigatória da origem dos vinhos nas cartas dos restaurantes, mesmo do chamado "vinho de mesa", é outra das medidas pedidas pelo setor, à semelhança do que já é feito em França, "como forma de proteger o consumidor e a produção nacional". Por fim, é pedido que as contas-correntes de quem importa vinho estejam sediadas no sistema de informação do Instituto da Vinha e do Vinho e que seja criado um observatório estatístico para o setor do vinho. "Conhecer o preço a que são pagas as uvas e os vinhos a granel, conhecer os *stocks*, saber as margens da atividade, tudo isso é informação relevante para quem tem que tomar decisões, seja a nível de política pública ou de estratégia empresarial", defende Toscano Rico. Assegurada "mais fiscalização e mais transparência", haverá depois que "repensar o modelo das autorizações de plantação", acrescenta.

Francisco Mateus, presidente da CVR do Alentejo, concorda e advoga as mesmas medidas, mas vai mais longe e admite que o preço máximo do vinho a destilar não devia ir além dos 45 cêntimos. "Sabemos que há a possibilidade de o governo acrescentar em 200% os 15 milhões dados por Bruxelas, o que significa que, a 45 cêntimos por litro, poderíamos retirar 100 milhões de litros do mercado. Se estivermos a pensar em valorizar [o vinho] em função da região, possivelmente não vamos conseguir retirar a quantidade necessária para se conseguir chegar a 2025 com o setor equilibrado."

Francisco Mateus lembra que esta é a quarta intervenção no mercado em cinco anos e assume que a situação não se pode repetir. "Devíamos tentar ter uma intervenção mais dura, com um preço baixo, para tentarmos, de uma só vez, retirarmos uma quantidade significativa de vinho", frisa. Em termos de medidas estruturais, a CVR Alentejo pede que os envelopes de financiamento possam ter um cunho regional. Ou seja, se há que colocar um travão ao investimento em novas vinhas, isso não significa que essas verbas não possam ser canalizadas para financiar iniciativas na área da sustentabilidade, como os enrelvamentos ou a rega de precisão. Além disso, para o presidente da CVR do Alentejo, é vital "inovar ao nível da promoção, de modo a tornar a origem Portugal mais apelativa".

Mais a Norte, o presidente da Federação Renovação do Douro, reclama também uma grande ação de promoção internacional, neste caso para o vinho do Porto, que tem vindo a perder mercado paulatinamente, ano após ano. "O vinho do Porto está a perder vendas há muitos anos, é preciso alterar este paradigma e chegar a novos públicos", sustenta Rui Paredes. Sobre o quantitativo de benefício – o valor autorizado de produção de vinho do Porto em cada vindima –, as negociações estão ainda a decorrer entre produção e comércio, mas tudo indica que será novamente um valor revisto em baixa. Este ano teme-se que fique aquém das 100 mil pipas.

António Filipe, presidente da Associação das Empresas de Vinho do Porto, recusa falar da destilação de crise enquanto os termos da ajuda não forem conhecidos e a produção e o comércio não tiverem a negociação do quantitativo de benefício fechada.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

As cores do partido no poder e os *slogans* "Tora Kagame Paul" ("Vote Paul Kagame") e "PK24" (para "Paul Kagame 2024") estão por todo o lado.

LUIS TATO/AFP

# Ruanda vai às urnas para um novo mandato do "eterno" Kagame

**ELEIÇÕES** Líder "de facto" do país desde o genocídio de 1994, o presidente, que venceu as últimas três eleições com mais de 93% dos votos, pode governar até 2034, após ter alterado a Constituição.

Os ruandeses vão esta segunda-feira às urnas, com o presidente Paul Kagame praticamente assegurado de estender a sua liderança com punho de ferro e vencer uma corrida que o opõe aos mesmos rivais que derrotou há sete anos.

Líder "de facto" do Ruanda desde o genocídio de 1994, Kagame enfrenta as candidaturas de Frank Habineza, líder do Partido Democrático Verde – a única oposição autorizada –, e Philippe Mpayimana, que concorre como independente.

Aos 66 anos, o presidente é visto como o responsável pela recuperação económica do Ruanda depois do genocídio, com o PIB a crescer a uma média de 7,2% entre 2012 e 2022. Mas o seu regime é amplamente criticado por sufocar a oposição política a nível interno, enquanto um relatório da ONU acusou as tropas ruandesas de lutarem ao lado da milícia rebelde M23 na vizinha República Democrática do Congo.

Kagame venceu três eleições com mais de 93% dos votos, em 2003, 2010 e 2017, e surge agora com quase 99% nas sondagens mais recente. Habineza obteve apenas 0,48% dos votos em 2017, com Mpayimana a ultrapassá-lo com 0,73%.

Os tribunais ruandeses rejeitaram os recursos de figuras proeminentes da oposição, como Bernard Ntaganda e Victoire Ingabire, para retirarem condenações anteriores que os impediam de concorrer. A comissão eleitoral também proibiu a famosa crítica de Kagame, Diane Rwigara, alegando problemas com a sua papelada – esta é a segunda vez que ela foi excluída da candidatura.

Filha do industrial Assinapol Rwigara, um antigo grande doador da Frente Patriótica Ruandesa (RPF), de Kagame, antes de este se desentender com os seus líderes, Rwigara foi acusada de falsificar documentos e presa em 2017, antes de ser absolvida pelos tribunais um ano depois.

Um total de 9,01 milhões de ruandeses estão registados para votar, indo as eleições presidenciais realizar-se ao mesmo tempo que as legislativas, pela primeira vez.

### Presidente para sempre

O desequilíbrio entre Kagame e os seus rivais ficou evidente durante o período de campanha de três semanas, à medida que a bem oleada máquina de relações públicas da RPF acelerava. Galhardetes em carros, bandeiras, cartazes e faixas exibidas ao longo das estradas, as cores vermelha, branca e azul do partido no poder e os seus *slogans* "Tora Kagame Paul" ("Vote Paul Kagame") e "PK24" (para "Paul Kagame 2024") estão por todo o lado.

Em contraste com as multidões que assistiram aos seus comícios, os seus rivais têm lutado para fazer ouvir as suas vozes, com apenas 100 pessoas a comparecerem a alguns eventos. "Vim aqui para ouvir o que ele diz, mas votarei em Kagame... independentemente dos outros", disse Beatrice Mpawenimana, de 30 anos, à AFP numa reunião organizada pelo partido de Habineza na aldeia de Juru, no Leste do país. "Ele deu-nos voz, a nós, mulheres, trouxe estradas, hospitais, tantas coisas... Quero que ele seja presidente para sempre, ninguém pode substituí-lo." Tal como a maioria dos ruandeses – 65% da população do país tem menos de 30 anos –, Beatrice só conheceu Kagame como líder.

O político de óculos está no comando desta nação sem acesso ao mar desde que a sua milícia RPF derrotou os extremistas hutus, responsáveis pelo genocídio que deixou 800 mil mortos, principalmente tutsis, mas também hutus moderados.

### Sem um verdadeiro adversário

Tendo servido inicialmente como vice-presidente e ministro da Defesa, Kagame foi eleito presidente pelo Parlamento em 2000, após a renúncia de Pasteur Bizimungu. Desde então, ganhou eleições por sufrágio universal três vezes: 95,05% em 2003, 93,08% em 2010 e 98,79% em 2017.

"O partido no poder, a RPF, é bastante popular em todo o país, isso é inegável", disse à AFP o advogado constitucionalista e analista político ruandês Louis Gitinywa. "Quanto à eleição, é como um exercício que deve ser feito simplesmente para picar o ponto. Não há adversário verdadeiro contra Kagame."

Grupos de defesa dos direitos humanos acusam o governo de abusos, incluindo a repressão da liberdade de expressão e a repressão da dissidência. A Amnistia Internacional afirmou esta semana que a oposição política no Ruanda enfrenta "severas restrições, bem como ameaças, detenções arbitrárias, processos judiciais, acusações forjadas, assassínios e desaparecimentos forçados".

Kagame procedeu a controversas alterações à Constituição em 2015, que encurtaram os mandatos presidenciais de sete para cinco anos, mas voltando a começar a contar do zero, permitindo-lhe potencialmente governar até 2034.

**DN/AFP**

### Terra das mil colinas

A chamada "Terra das mil colinas" está entre as mais densamente povoadas da região, com uma população de pouco mais de 13 milhões, segundo o Censo de 2022. Quase três quartos da sua população – constituída pela maioria hutu e pelos grupos étnicos tutsi e twa – vivem no campo.
Cerca de 65% da população do Ruanda, um país sem acesso ao mar, têm menos de 30 anos.
O antigo reino foi colonizado pela Alemanha em 1898, depois administrado pela Bélgica a partir de 1922, antes de alcançar a independência em 1962.

EPA/MOHAMMED SABER

**Governo israelita sustenta que atacou um "complexo operacional".**

# Hamas recusa negociações após "massacre" em Al-Mawasi

**CONFLITO** Bombardeamento provocou mais de 92 mortos e 300 feridos. Dos dois "alvos" do Hamas na mira de Israel só um foi abatido.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

Mohammed Deif, líder das Brigadas Al-Qassam, não morreu. Escapou à oitava tentativa de assassínio desde 2001. Rafa Salameh, comandante da brigada do Hamas em Khan Yunis e também um dos responsáveis pelo ataque terrorista de 7 de outubro contra Israel e outro dos alvos da operação militar, foi morto no bombardeamento de sábado a Al-Mawasi, garantiram fontes militares israelitas à AFP.

Al-Mawasi, perto das cidades de Khan Yunis e Rafah, tinha sido declarada em maio como zona humanitária "segura" pelos militares israelitas.

O bombardeamento, diz o governo de Israel, foi contra um "complexo operacional" numa "área aberta", que abrigava Mohammed Deif e Rafa Salameh, com base "em informação fiável dos serviços secretos".

Segundo o Hamas, Mohammed Deif, apesar do ataque, continua no terreno a "supervisionar diretamente as operações" e o novo passo será a retirada das negociações devido ao "massacre". Smail Haniyeh, um dos líderes políticos do movimento, que está no Qatar, justifica a "suspensão" anunciada com a "falta de seriedade" de Israel e com os contínuos "massacres contra civis desarmados".

O Hamas, garante, aceita "retomar as negociações" assim que o governo de Israel demonstrar "seriedade" para se chegar a um "cessar-fogo" e assim efetivar a "troca de prisioneiros". Fontes israelitas, pelo seu lado, disseram à AFP que os ataques contra as lideranças do Hamas vão continuar, sem que parem as negociações para libertar reféns.

O bombardeamento de sábado causou pelo menos 92 mortos e mais de 300 feridos. O ataque do Hamas contra Israel a 7 de outubro do ano passado causou, segundo informação do Estado israelita, 1195 mortos, a maioria civis. 250 foram raptados. A ofensiva militar de resposta já terá causado quase 39 mil mortos e 88 mil feridos, segundo os dados do Ministério da Saúde de Gaza.

A Faixa de Gaza é controlada pelo Hamas desde 2007, quando o grupo islamita assumiu o poder após ganhar as eleições legislativas um ano antes, afastando a Fatah, da Autoridade Palestiniana.

O presidente da Autoridade Palestiniana, Mahmoud Abbas, já condenou o ataque israelita, mas também responsabilizou o Hamas pela continuação da guerra.

"A presidência considera que o Hamas – ao impedir a unidade nacional e ao proporcionar pretextos gratuitos ao Estado ocupante – é um parceiro que assume a responsabilidade jurídica, moral e política pela continuação da guerra de aniquilação israelita na Faixa de Gaza, com todo o sofrimento, destruição e morte que causa ao nosso povo", afirmou.

Mahmoud Abbas considera o ataque israelita à zona humanitária de Al-Mawasi "um massacre horrível".

> O governo de Israel aprovou ontem o alargamento do serviço militar obrigatório de 32 para 36 meses durante os próximos cinco anos.

## BREVES

### Cessar-fogo em Myanmar

Uma aliança de grupos minoritários étnicos de Myanmar [antiga Birmânia] garantiu que acordou com a junta governamental um cessar-fogo de quatro dias no Estado de Shan, após semanas de combates por este território fronteiriço da China. Desde finais de junho que uma aliança de grupos armados étnicos retomou a ofensiva contra o Exército.

### Boicote contra Umaro Embaló

O presidente da República da Guiné-Bissau, no sábado, respondeu com vários palavrões a um jornalista guineense que o questionava sobre a data das eleições presidenciais. Ontem, o Sindicato dos Jornalistas e Técnicos de Comunicação Social instou os órgãos de comunicação social a boicotarem as atividades do presidente.

# Espanha campeã. Houve *show* Nico em Berlim mas decidiu Oyarzabal

**EURO2024** Quarto título europeu para a "Roja", culminando uma prova em que foi sempre melhor com um triunfo sobre uma Inglaterra que voltou a dececionar, graças a dois golos bascos após bela segunda parte.

TEXTO **NUNO COELHO**

Capitão Álvaro Morata ergue o troféu do Campeonato da Europa, conquistado pela quarta vez pela Espanha.

Quem disse que não há justiça no futebol? Até pode acontecer mas não foi o caso no Campeonato da Europa que este domingo chegou ao fim em Berlim. A Espanha de Luis de la Fuente mostrou desde o primeiro jogo que era a melhor equipa em prova e comprovou-o na decisão frente à Inglaterra, ganhando por 2-1, graças a dois golos "criados" no País Basco, apontados Nico Williams (Athletic Bilbao) e Oyarzabal (Real Sociedad). O troféu foi para a casa que o mais justificou recebê-lo e Rodri acabou eleito o melhor jogador da competição.

Depois de uma curta cerimónia de encerramento com a interpretação do tema oficial da prova e do antigo internacional italiano Chiellini ter transportado o troféu até ao relvado, as duas seleções subiram ao relvado para a decisão. Do lado espanhol, Luis de la Fuente, previsivelmente, não mexeu na sua equipa-tipo, com Dani Olmo de novo na vaga deixada em aberto pela lesão de Pedri no jogo dos quartos e Dani Carvajal e Le Normand de regresso após cumprirem castigo. Do outro lado, e em relação à partida das meias, Southgate manteve a ideia de jogo com Luke Shaw a surgir no onze inicial como defesa esquerdo – o lateral esteve lesionado durante os últimos meses e só contabilizara 42 minutos na competição.

De resto, no arranque da partida as duas equipas foram fieis ao que fizeram ao longo do Europeu: a Espanha mais ofensiva, sem receio de assumir as operações, com Nico Williams muito ativo no flanco esquerdo tentando aproveitar alguma indefinição na forma de defender dos britânicos, e a Inglaterra cautelosa e mais fechada atrás.

Tudo isto resultou numa primeira parte que não fica na história. Equipas encaixadas, muito mais posse para a Espanha (66-34) mas oportunidades de golo nem vê-las. Foi aliás preciso esperar pelo primeiro minuto da compensação para surgir algo parecido com um lance de perigo: na sequência de um livre lateral a favor dos ingleses, a bola sobrou para o segundo poste onde estava Phil Foden sem marcação. Mas o remate efetuado em condições complicadas foi na direção de Unai Simón que não teve problemas em defender e foi o que se viu em termos ofensivos. Até aí, alguns cantos (novamente com grande vantagem para a "Roja", 6--1), e uns quantos remates bloqueados (um deles em boa posição de Kane, depois de Bellingham roubar a bola ao seu colega Carvajal, a que Rodri se opôs bem, mas nada de emocionante, nem quando Nico Williams se juntou a Yamal (que com 17 anos e um dia superou Pelé como mais jovem a disputar uma grande final) na direita.

> O médio espanhol Rodri foi considerado pela UEFA o melhor jogador do Euro2024 e o miúdo Lamine Lamal, de 17 anos, venceu o prémio de jovem revelação do Campeonato da Europa.

ODD ANDERSEN / AFP

**Segunda parte bem melhor**

O jogo precisava de um golo e a verdade é que surgiu bem cedo no segundo tempo. De la Fuente trocou Rodri pelo basco Zubimendi e bastaram menos de dois minutos para a Espanha se colocar em vantagem. O lance começou a ser construído na direita, com a bola a chegar a Yamal que fletiu para uma zona interior e soltou-a no momento certo. Dani Olmo deixou-a passar até à esquerda, onde Nico Williams não perdoou, batendo Pickford com um remate cruzado. Estava desfeito o impasse e a coisa até podia ter ficado resolvida logo a seguir, com Dani Olmo solto na área a rematar cruzado mas sem pontaria (49').

ADRIAN DENNIS / AFP

EPA/FRIEDEMANN VOGEL

**Nico Williams e Oyarzabal fizeram os golos do triunfo espanhol. Bellingham foi o rosto da desilusão inglesa após nova derrota na final da prova.**

Mesmo em vantagem, a Espanha continuou a ser mais perigosa. No mesmo minuto, o 55, Nico Williams e Morata voltaram a colocar a baliza inglesa em apuros, e Yamal quase batia Pickford, mas o guardião do Everton não deixou com uma bela estirada (66') – pelo meio, Bellingham deu um ar da sua graça com um tiro rasteiro que saiu perto do poste.

Entretanto, começou o jogo das substituições que iriam animar a partida até final. De la Fuente lançou Oyarzabal para o lugar de Morata, Southgate fez entrar Cole Palmer para a vaga de Mainoo.

E parecia que o técnico inglês acertara novamente no *jackpot*, pois bastaram três minutos para o médio do Chelsea restabelecer a igualdade, com um remate de fora da área de pé esquerdo, após Bellingham amortecer um cruzamento, e a bola a desviar ligeiramente num defesa espanhol (73'). Todavia, o prémio final iria para o treinador espanhol, quando tudo apontava para um prolongamento, sobretudo depois de Yamal desperdiçar nova chance na cara de Pickford: uma combinação simples pela esquerda entre Oyarzabal e Cucurella, permitiu ao primeiro desviar o cruzamento na cara do guardião inglês no limite do fora de jogo, fazendo o 2-1. A maldição inglesa manteve-se e a Espanha pôde erguer o troféu no Olympiastadion.

**OLYMPIASTADION** (BERLIM)

ÁRBITRO **FRANÇOIS LETEXIER** (FRANÇA)

| ESPANHA | INGLATERRA |
|---|---|
| 2 | 1 |
| UNAI SIMÓN | PICKFORD |
| CARVAJAL | KYLE WALKER |
| LE NORMAND | JOHN STONES |
| LAPORTE | MARC GUÉHI |
| CUCURELLA | BUKAYO SAKA |
| RODRI (46') | MAINOO (70') |
| FABIÁN RUIZ | DECLAN RICE |
| LAMINE YAMAL (89') | LUKE SHAW |
| DANI OLMO | JUDE BELLINGHAM |
| NICO WILLIAMS | PHIL FODEN (89') |
| MORATA (68') | HARRY KANE (61') |
| **TREINADOR** | **TREINADOR** |
| LUIS DE LA FUENTE | GARETH SOUTHGATE |
| **SUBSTITUIÇÕES** | **SUBSTITUIÇÕES** |
| ZUBIMENDI (46') | OLLIE WATKINS (61') |
| OYARZABAL (68') | COLE PALMER (70') |
| NACHO (83') | IVAN TONEY (89') |
| MERINO (89') | |

**GOLOS:** NICO WILLIAMS (47'), COLE PALMER (73') E OYARZABAL (86').

**CARTÕES AMARELOS:** HARRY KANE (25'), DANI OLMO (31'), JOHN STONE (53') E WATKINS (90'+1).

| Espanha | | Inglaterra |
|---|---|---|
| 63% | POSSE DE BOLA | 37& |
| 14 | TOTAL DE REMATES | 9 |
| 5 | REMATES ENQUADRADOS | 3 |
| 5 | FALTAS SOFRIDAS | 11 |
| 544 | TOTAL DE PASSES | 303 |
| 496 | PASSES COMPLETOS | 246 |

**QUADRO DE HONRA**

| | |
|---|---|
| 1960 | União Soviética |
| 1964 | Espanha |
| 1968 | Itália |
| 1972 | Alemanha |
| 1976 | Checoslováquia |
| 1980 | Alemanha |
| 1984 | França |
| 1988 | Países Baixos |
| 1992 | Dinamarca |
| 1996 | Alemanha |
| 2000 | França |
| 2004 | Grécia |
| 2008 | Espanha |
| 2012 | Espanha |
| 2016 | Portugal |
| 2020 | Itália |
| 2024 | Espanha |

**BREVES**

## Pogacar vence mais uma etapa e alarga distância

O ciclista esloveno Tadej Pogacar deu ontem um passo importante rumo à vitória final na Volta a França, ao ganhar isolado a etapa rainha da 111.ª edição, que deixou Jonas Vingegaard (Visma-Lease a Bike) a mais de três minutos. O camisola amarela coroou em solitário o alto de Plateau de Beille, cumprindo os 197,7 km desde Loudenvielle em 5:13.55 horas e deixando o bicampeão em título a 1.08 minutos. O belga Remco Evenepoel (Soudal Quick-Step) foi terceiro na 15.ª etapa, a 2.51.Depois de somar a 14.ª vitória no Tour, o esloveno de 25 anos é ainda mais líder da geral, com 3.09 minutos de vantagem sobre o dinamarquês da Visma-Lease a Bike. Evenepoel é terceiro, a 5.19, enquanto o português João Almeida (UAE Emirates) reforçou o quarto lugar.

## Pavlidis vai ser operado ao polegar direito

Pavlidis, o reforço grego do Benfica que tem estado em grande destaque nesta pré-temporada, fraturou o polegar da mão direita no decorrer do jogo particular de sábado com o Celta de Vigo (2-2) e terá de ser sujeito a uma intervenção cirúrgica, informou ontem o clube da Luz. A lesão aconteceu quando o avançado, nos primeiros minutos da partida, caiu de forma aparatosa numas escadas do estádio de Águeda. Na altura não se queixou e depois disso até marcou dois golos, mas uma avaliação feita mais tarde detetou o problema e a necessidade de uma imtervenção. No boletim clínico dos encarnados está também Andreas Schjelderup, que sofreu uma entorse no tornozelo esquerdo.

Nesta entrevista, uma Jessica Chastain muito lúcida e franca.

# Jessica Chastain “*Memória* deixou-me marcas no corpo”

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** EM SAN SEBASTIÁN

**ENTREVISTA** Estreia quinta-feira mais um Michel Franco, mais uma vez em língua inglesa: *Memória,* drama forte sobre um romance entre uma mulher e um doente de Alzheimer. O DN esteve com a sua estrela, Jessica Chastain, de novo fulgurante e em modo de *underacting*. A atriz oscarizada conta como se preparou para um papel em que teve de trabalhar num centro de dia.

“A minha identidade neste filme foi encontrada através da fluidez.” Fluidez, palavra que descreve o filme do mexicano Michel Franco *Memória*, o projeto que Jessica Chastain escolheu logo a seguir a ter obtido o Óscar em *Os Olhos de Tammy Faye*, de Michael Showalter. As palavras são da atriz num encontro com a imprensa no Festival de San Sebastián, logo a seguir à apresentação em Veneza, em competição, e onde o seu colega Peter Sarsgaard venceu o prémio de interpretação, a Taça Volpi.

Mas *Memory* não é apenas um filme de atores, trata-se de um

*Memory* não é apenas um filme de atores, trata-se de um drama tenso sobre como a memória é o vaso comunicante da nossa humanidade mais íntima.

Mais uma vez temos uma Jessica Chastain a dar tudo, uma interpretação na qual se sente um investimento emocional arrasador. Ela e Peter Sarsgaard ligam de uma maneira quase mágica, não precisam de muito para produzir uma faísca humaníssima.

drama tenso sobre como a memória é o vaso comunicante da nossa humanidade mais íntima. Jessica Chastain é uma cuidadora num centro de dia, mãe solteira com uma vida complicada em Nova Iorque. Depois de uma reunião com os alcoólicos anónimos desenvolve um relacionamento com um intrigante homem que a segue. Mais tarde percebe que ele é um doente de Alzheimer. E ainda mais tarde entre eles forma-se uma aliança romântica destinada a quebrar tabus.

Continua a falar de fluidez: "Nunca gosto de projetar uma imagem que indique aquilo que sou ou o que vou ser. Não quero também nunca dizer se isto ou aquilo é certo. Quero autorizar-me a ser móvel e a poder estar sempre a aprender. Tenho de estar aberta para poder ser criativa. É claro que tenho linhas identitárias ao longo destes anos, mas dei-me sempre permissão a poder mudar. Poder ter essa liberdade ajuda a minha vida e beneficia o meu trabalho."

Mais uma vez temos uma Jessica Chastain a dar tudo, uma interpretação na qual se sente um investimento emocional arrasador. Ela e Peter Sarsgaard ligam de uma maneira quase mágica, não precisam de muito para produzir uma faísca humaníssima. É uma osmose de tons que raramente acontece, e é aí que se prova que Franco filma os atores de forma diferente. Veja-se a frieza com que aparece em *Crepúsculo* Tim Roth ou a precisão do mesmo em *Chronic*, ainda hoje o melhor momento de Franco. São atores à beira de uma dimensão transcendental num registo intimista, em que o alívio do humor e a força trágica de uma lágrima coexistem seguramente.

**Confissões do processo**

Quando lhe perguntamos o que mais gosta no seu processo, faz uma pausa breve e olha olhos nos olhos: "Gosto imenso de pensar naquilo que vai dentro da personagem e aquilo que passa para fora. São coisas diferentes, com energias distantes, tal e qual um pato que à distância parece suave mas se virmos as suas patas, em baixo, está em alta atividade. O meu segredo é ter algo que nunca mostro cá para fora. Por exemplo, em *Os Olhos de Tammy Faye* interpreto uma mulher que mostrava muito ao mundo, sobretudo para desviar as atenções, mas aqui, nesta personagem, temos uma mulher que quer permanecer invisível, alguém que quer desaparecer por completo." Depois continua dizendo que ficou muito lisonjeada por saber que Michel Franco queria trabalhar consigo: "A minha agente sabe que tenho um fraco por cinema internacional e depois de vencer o Óscar era num projeto destes que tinha de estar. Muitas vezes, ao fazer aqueles filmes maiores, sinto que o ordenado é para compensar não podermos ser tão criativos… Somos pagos para esperar numa rulote até alguém nos chamar para irmos para o *plateau*. Com o Michel Franco era mais como se estivesse a fazer teatro, senti que todas as minhas facetas eram necessárias. Entretanto já fizemos mais um outro e espero que tenhamos pela frente uma longa viagem."

**Uma atriz fica outra depois disto**

Poder-se-ia pensar que um papel tão pesadão deixe marcas. A atriz explica como volta à sua vida normal: "Eu consigo ter depois uma vida como antes, mesmo que não seja fácil estalar os dedos e ficar tudo OK. Neste fiquei com marcas no meu corpo, como se aquilo que a personagem sofreu passasse para mim. Ou seja, essas dores tornam-se memória. À medida que avanço na carreira, lembro-me de certas personagens e não vejo nenhuma separação da minha vida pessoal – sinto que essas memórias das personagens pertencem agora à minha vida, tornam-se no meu tecido." Como uma cicatriz? retorquimos: "Espero que seja algo mais bonito do que isso! São coisas que me fazem ficar mais perto de pessoas que tiveram experiências que eu não tive. Talvez fique mais perto da humanidade. Não são cicatrizes, não senhora, são laços invisíveis… Por outro lado, quando se perde esses laços sofre-se muito. Tudo isto para dizer que mantenho sempre ligações com as minhas personagens do passado."

E nessa ordem da sinceridade a atriz não deixa dúvidas: "Claro que é mais difícil interpretar pessoas cuja vida esteja repleta de dor. No caso de *Memória* o material é bom, porque é mesmo profundo, daí conter tanta dor."

**Comparação com Malick**

Esta ligação com Michel Franco não acontece por acaso. A atriz que foi descoberta por Terrence Malick em *A Árvore da Vida* julga que são cineastas parecidos: "É verdade! Aqui, ao trabalhar com atores não profissionais, pensei muito nas crianças d'*A Árvore da Vida*. Cria-se uma relação com eles que passa muito pela realidade. Com aquelas crianças senti mesmo que era a mãe delas. Aqui, aquelas pessoas que vemos na reunião dos alcoólicos anónimos são mesmo pessoas que frequentam aquele lugar. Um ator chega ali e fica com medo de ficar idiota a fingir que é alguém alcoólico em estado de sobriedade. Senti uma obrigação de pertencer legitimamente àquele grupo. Não quis parecer uma atriz quando todos os outros são reais. E claro que as pessoas do centro de dia são reais também, eu trabalhei de facto lá, vestindo-os, dando-lhes de comer, medicando-os, enfim, a construir relações. É óbvio que acabamos por improvisar dentro dos parâmetros do argumento. Se a personagem estiver bem construída, pode estar em todas essas situações, basta viver o momento. Para mim foi muito bonito não ter de lidar com as luzes da direção de fotografia e uma equipa técnica demasiado numerosa. Neste filme senti realmente que estava a viver. É por isso que *Memória* é tão intenso."

**Passar despercebida na multidão**

No fim, confessa que esta estada em San Sebastián, cidade que ama, é especial: "Desta vez fiquei mais dias para aproveitar. Antes vinha e era só na véspera, depois apresentava o filme e já tinha que me ir embora. Foi incrível ter tempo para ir ao museu do Balenciaga e a Bilbau, ao Museu Guggenheim. Aqui em San Sebastián fiquei muito impressionada com os artistas de rua – nunca tinha visto algo assim!" Estas palavras encerram uma dúvida: conseguirá andar à vontade nas ruas sem ser engolida pelas multidões!? "Depende sempre da maneira como te apresentas. Muitas vezes depende da maneira como me visto. Na rodagem em Nova Iorque do *Memória* consegui passar meio despercebida. Mas o pior é quando surgem os *paparazzi*. Nessas ocasiões há que saber gerir a coisa… Muitas vezes dirijo-me a eles e peço para se irem embora depois de já terem uma fotografia. Descobri que essa tática costuma resultar. É uma forma de apelar à empatia e humanidade de cada um deles. Se os trato como seres humanos, pode ser que me tratem da mesma maneira. Nova Iorque, para filmar, é um local espantoso: as pessoas compreendem que estamos a trabalhar e deixam-nos em paz."

## A explosão Peter Sarsgaard

Neste drama físico e psicológico Jessica Chastain está ao seu melhor nível, provando que é das maiores atrizes da sua geração, mas o filme é de Peter Sarsgaard, que em Veneza venceu a Taça Volpi para melhor interpretação. É o papel da vida de um ator mais adorado pelos pares do que propriamente pelo grande público. Uma verdadeira explosão para um talento enorme, muitas vezes injustamente atirado para papéis secundários.

Se houvesse justiça e dinheiro para *lobby*, esta sua interpretação poderia estar na corrida da próxima temporada dos prémios. Eis um ator capaz de dosear emoção e naturalismo com uma tranquilidade desarmante, ainda para mais na pele de um homem a sofrer da doença de Alzheimer. Uma abordagem sem clichés, sempre muito perto de uma faísca de autenticidade genuína feita de pequenos nadas. Dir-se-ia que o que acontece aqui já vinha sendo esperado com o que tinha feito em *Blue Jasmine*, de Woody Allen, ou em *Lovelace*, de Rob Epstein e Jeffrey Friedman. Ou ainda em memoráveis presenças em *À Margem de Um Crime*, de Bertrand Tavernier, ou, mais recentemente, em *A Filha Perdida*, da sua mulher, Maggie Gyllenhaal.

Por estes dias está também na mira do mundo com um papel na série *Presumível Inocente*, da Apple TV+, ao lado do cunhado, Jake Gyllenhaal. Era bom não se deixar cair na máquina de Hollywood como vilão de serviço. Para o ano voltamos a vê-lo em *The Bride*, de novo sob as ordens da sua senhora e igualmente ao lado do cunhado numa variação d'*A Noiva de Frankenstein*.

**Com uma promoção débil, mais um filme estreado sem critério…**

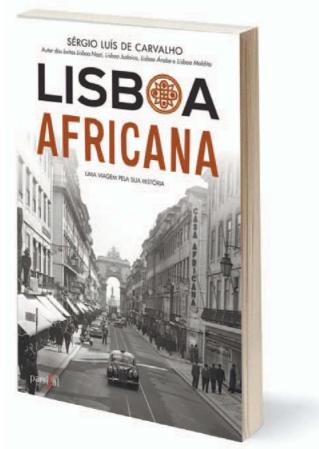
LIVROS DA SEMANA

# "A escravatura era um fenómeno universal ao qual ninguém pensava opor-se"

Retratar a capital portuguesa tem sido a ocupação do historiador Sérgio Luís de Carvalho, de que resultou a série: *Lisboa Nazi, a Judaica, a Árabe e a Maldita.* Agora é a vez de *Lisboa Africana*.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

*Lisboa Africana* é o quinto volume de uma investigação alargada sobre as influências que têm deixado marca na capital, desta vez com o foco nas várias gerações de habitantes vindos do continente africano e que há séculos espantavam os visitantes devido à diversidade de cor de pele com que se deparavam nas ruas de Lisboa. Logo na "Introdução", Sérgio Luís de Carvalho faz a pergunta: "O que é ser africano em Lisboa?" Em pleno século XXI, a questão não perdeu a importância, como o autor refere: "Creio que as questões identitárias num mundo global e uniformizador se colocam cada vez com mais acuidade. A pulsão uniformizadora que percorre o mundo gera resistências culturais que visam a recusa de um modelo social, político, cultural e mental tendencialmente único. Deve-se conjugar a diversidade com a unidade, pois esse é o único meio de não destruirmos as nossas sociedades e de viver em paz."

É impossível abordar este *Lisboa Africana* sem esclarecer com o historiador a preponderância de racismo em grande parte da sociedade portuguesa, tema que tem regressado com força ao debate público. Para Sérgio Luís de Carvalho, a questão não deixa de estar presente, podendo dar-se como exemplo os capítulos onde a questão é abordada a nível histórico. Questionado sobre a existência de um sentimento racista nacional, diz: "Há muito que a noção iluminista da perfetibilidade progressiva do espírito humano está desacreditada. A instrução e a educação, bases de qualquer sociedade civilizada, não destroem os piores fantasmas da nossa alma. A irracionalidade existe e persiste sempre. Até mais ver, é insistir na educação e na informação."

***LISBOA AFRICANA***
**Sérgio Luís de Carvalho**
Parsifal
227 páginas
(Apresentação dia 23, pelas 18h00, no Palácio Galveias)

**Sérgio Luís de Carvalho conta a história da presença da população africana em Lisboa.**

No que respeita a este livro, não se pode ignorar a ampla promoção do comércio de escravos africanos por Portugal. Uma narrativa histórica como esta, e num tempo em que o passado está a ser revolvido sob outros olhares, criou a necessidade de novos padrões de análise? O escritor nega: "O historiador sabe bem com que linhas se cose e quais os seus instrumentos de análise e de crítica. Sabe como não cair em anacronismos e não aplicar ao passado noções que são modernas. Portugal promoveu o comércio de escravos, é certo. Afinal, todas as nações têm na sua história zonas de luz e de sombra. Mas a escravatura era um fenómeno universal ao qual ninguém pensava opor-se. Existia. Sempre fora assim, sempre 'seria assim'. Portugal foi pioneiro porque chegou primeiro à 'fonte dos escravos': África. Também em África a escravatura era endémica, como em todo o lado. Uma coisa é condenar a escravatura, que ainda subsiste – às vezes com outro nome –, outra coisa é aplicar ao passado noções e princípios que não existiam nessa altura."

O objetivo do historiador neste novo volume é o de continuar a retratar os pilares de uma cidade, e *Lisboa Africana* não foge aos parâmetros que fizeram nascer os volumes anteriores. O projeto inicial não passava por uma série sucessiva de investigações, como veio a acontecer: "O primeiro volume, *Lisboa Nazi*, foi fruto de vários anos de investigação e nunca pensei na hipótese de ser o 'fundador' de uma coleção. A boa receção do livro fez com que se pusesse a ideia de continuação e o segundo volume 'teria de ser' sobre *Lisboa Judaica*. A seguir só poderia vir *Lisboa Árabe*. Desde então, a escolha do tema assenta em alguns princípios basilares: a abrangência das temáticas, a sua permanência ao longo dos tempos, em vez de ser um fenómeno localizado numa época, a sua transversalidade social e a sua atualidade."

Quanto às preferências dos leitores, Sérgio Luís de Carvalho não encontra uma diferença de maior: "De um modo geral, a boa aceitação é recorrente e tiveram reedições. No fundo, a coleção vale como um todo." Muito ilustrado, com bastantes destaques, cronologias, uma prosa inteligente e repleta de detalhes, *Lisboa Africana* junta-se a uma coleção cada vez mais imprescindível para conhecer a cidade e a sua história.

## LANÇAMENTOS

***A ÚLTIMA CRUZADA***
**Nigel Cliff**
D. Quixote
591 páginas

### A LOUCURA DA ÍNDIA

Tem como subtítulo *As viagens épicas de Vasco da Gama*, o que recentra o objetivo desta investigação intitulada *A Última Cruzada* no seu verdadeiro foco, o de como o navegador abriu uma brecha civilizacional com a viagem à Índia e fez com que a História abandonasse a era medieval. Começa com a descrição das naus, com cruzes carmesins a aparecerem no horizonte indiano, e termina a justificar o título e a intenção: "uma loucura".

***NAVEGAÇÕES***
**Malyn Newitt**
Texto Editores
428 páginas

### O FIM DA EUROPA MEDIEVAL

Profundo conhecedor da História de Portugal, o investigador procura explicações para a aventura do mar. Sem complexos, como parecem ter os nossos historiadores sobre a época, insere os Descobrimentos num Renascentismo nacional e resume a obra assim: "É imperativo olhar mais uma vez para a história da exploração marítima portuguesa." Não passa ao lado do efeito a muito longo prazo que a então abertura dos canais de comércio irá permitir em pleno século XXI, quando os países da Ásia os recuperaram para a entrada como protagonistas económicos.

***À DESCOBERTA DAS ILHAS SELVAGENS***
**José Pedro Castanheira**
Tinta da China
165 páginas

### NAVEGAR É PRECISO

O relato contemporâneo de viagens pelo mar permite fazer comparações, mesmo que ínfimas, quanto ao perigo que as dos Descobrimentos envolviam. Este "Diário de Bordo", além de pretender manter a "soberania lusitana sobre as Desertas, tão cobiçadas pelos gananciosos vizinhos", conta o dia a dia destas andanças em volta da Madeira por cinco tripulantes e sai-se da leitura a fazer comparações com o de muito antigamente.

# Santarém consolida-se como destino gastronómico

**FESTIVAL** No mesmo ano em que o restaurante Ó Balcão, de Rodrigo Castelo, recebeu a estrela Michelin, o recém-aberto Deselegante, do *chef* Rui Lima Santos, promete levar ainda mais amantes de comida à cidade. O DN visitou os restaurantes de Santarém, que recebeu o Chefs on Fire com a participação de ambos os profissionais.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

Um calor de mais de 40ºC assolava o asfalto das vielas de Santarém quando a reportagem do DN adentrou o fresco e acolhedor espaço do restaurante Ó Balcão, do *chef* Rodrigo Castelo. Numa visita proporcionada pela organização do festival Chefs on Fire, que decorreu na cidade no passado fim de semana, o DN rodou pela alta gastronomia de Santarém, conheceu os produtores locais e os espaços inovadores que começam a atrair mais visitantes à região.

Antes da visita ao premiado restaurante de Rodrigo Castelo, fomos conhecer o recinto do Chefs on Fire, realizado pela primeira vez em Santarém, mais precisamente no Jardim das Portas do Sol. Festival gastronómico que reúne renomados *chefs* portugueses ao redor do fogo, com pratos focados no churrasco, o evento teve a primeira edição em 2018, sempre com muita comida e programação musical. Desde então tem sido realizado em diferentes partes de Portugal. Este ano, inclusive, terá uma edição em Madrid, no início de outubro.

Posteriormente, a organização do festival proporcionou aos jornalistas uma experiência para ficar na memória. Falar do Ó Balcão e do *chef* Rodrigo Castelo é quase como chover no molhado, especialmente após o restaurante ser premiado com uma estrela Michelin e uma Estrela Verde em fevereiro deste ano. A casa mantém a excelência que lhe proporcionou a mais valiosa das estrelas da alta culinária e a política de defesa do ecossistema que rendeu a Estrela Verde, de gastronomia sustentável.

Com menu focado em pratos de peixe do rio – mas não só –, a degustação no Ó Balcão tem entre seus destaques nas entradas o coscorão do rio ao mar (massa frita recheada, ceviche de atum, gambas e espuma de camarinhas), o taco de malaguetas com javali e o siluro com açorda de algas e berbigão nos pratos principais. A casa trabalha sempre com ingredientes locais, o que tanto orgulha o *chef*, que, afirma, não pretende abrir um restaurante fora dali.

No dia seguinte conhecemos a horta de onde o *chef* adquire alguns dos ingredientes para o restaurante: a Landscape Farm, localizada em Casal da Cruz, a 20 quilómetros de Santarém. Com 24 hectares, o espaço conta com uma produção totalmente biológica comandada por Mário Hilário, que nos recebeu na quinta. A Landscape Farm é das maiores hortas bio de Portugal, vende os produtos para o Ó Balcão e outras duas lojas e cabazes da cidade. Foi possível aos jornalistas assistirem a uma pequena feira da semana por ali também.

Ainda houve espaço para mais uma visita, desta vez ao restaurante Deselegante. O sítio mal completou um mês e há quem viaje de propósito para a cidade para conhecer a casa. "Ajuda também por ser um ponto de paragem, muita gente que vai do Norte ao Algarve para em Santarém para comer", conta o *chef* Rui Lima Santos, natural da cidade e que após três anos no Oh Vargas! optou por abrir o seu próprio espaço.

Com uma cozinha que reúne ingredientes locais e um menu que a princípio conta com pratos comuns das tascas mais tradicionais, o Deselegante põe os dois pés na inovação, mas "sem querer chegar ao *fine dining*", como revela o *chef*. O conceito do restaurante lembra casas lisboetas como o Velho Eurico e a Taberna do Albricoque, que conquistaram o público nos últimos anos pelo *mix* despojado – ou deselegante – visto na decoração e na confeção de pratos típicos com outras técnicas ou ingredientes.

No menu do Deselegante alguns pratos variam com o que os fornecedores do restaurante tiverem de melhor em cada dia. Na nossa visita tivemos sorte: o peixeiro trouxe corvina, a estrela de um arroz caldoso que se tornou um dos pontos altos da refeição. O *chef* Rui trabalha bem com arroz caldoso, algo que já havia mostrado no dia anterior na sua participação na abertura deste Chefs on Fire, quando elaborou o prato acompanhado de entrecosto, a componente do churrasco.

Escabeche de coelho, torricado de vitela com Parmesão e uma cremosa massada de lulas e camarão, feita com o caldo dos frutos do mar e emulsionada na manteiga, foram outros dos pratos que renderam uma refeição de respeito no Deselegante.

Um fim de semana gastronómico em Santarém está longe de ser uma má ideia.

**1 e 2 – Os *chefs* Rodrigo Castelo (ao centro) e Rui Lima Santos, com restaurantes em Santarém, participaram no Chefs on Fire, que aconteceu naquela cidade.**
**3 – O coscorão do rio ao mar é uma das proposta do Ó Balcão.**
**4 – O arroz caldoso do *chef* Rui Lima Santos.**
**5 – Torricado de vitela com Parmesão servido no Deselegante.**

Diario de Noticias

A revolução de S. Paulo

PIRANDELLO

Na Legação de França

O ATENTADO DINAMITISTA DA RUA MARIA PIA

A QUESTÃO dos Correios

A VIAGEM Lisboa-Macau

A PATRIOTICA CRUZADA DAS MISERICORDIAS

MOVIMENTO FINANCEIRO

O DN DE HÁ CEM ANOS

# AS NOTÍCIAS DE 15 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

## A PATRIOTICA CRUZADA DAS MISERICORDIAS

***O proximo dia 15 de Agosto, dia de jubilo intenso nos anais da beneficencia portuguesa, será festivamente comemorado de extremo a extremo do país***

***O edificio da Misericordia do Barreiro (capela e hospital)***

*De hoje a um mês marca o calendario a data de 15 de Agosto. Faltam, apenas, trinta dias para a Festa Nacional da Caridade; trinta dias em que continuamos a pugnar, sem fadiga e sem descanso, pela causa dos pobres.*

*A isso no-lo obriga o impulso do coração e o exito, deveras extraordinario e animador, que tem obtido a nossa campanha. O povo português ha-de honrar-se, socorrendo as Misericordias e demonstrando, duma maneira pratica e visivel, as raras qualidades da sua alma.*

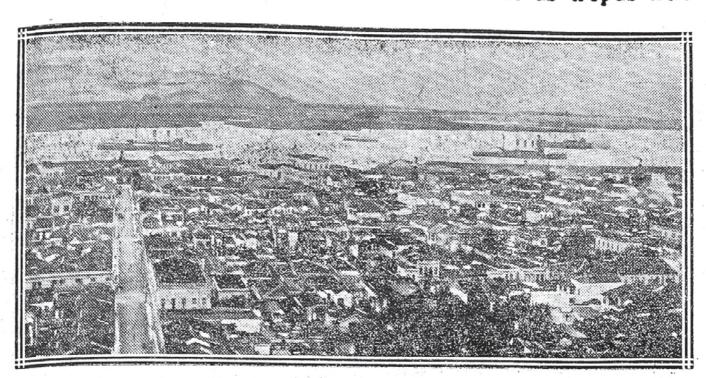
*Aperta a canicula, neste verão febril, que afugenta para bem longe os que podem deixar a fornalha citadina. Lisboa vai-se despovoando; todos os dias fogem para as termas, as praias e os campos milhares de familias, perseguidas por esta temperatura tropical; no entanto, o «Dia das Misericordias» nada perderá no seu interesse e no seu brilho.*

*A festa generaliza-se em todo o país. O facho da caridade irradia a sua luz nos ouropeis dos grandes centros e nos tranquilos oasis provincianos, á sombra pacifica, bondosa e protectora dos ulmeiros e dos castanheiros.*

*Estamos certos que os leitores, por acaso afastados do bulicio da capital, não esquecerão o eco da desdita e lhe hão-de destinar um obulo em harmonia com as suas posses economicas.*

NO PAÍS IRMÃO

# A revolução de S. Paulo

Segundo os comunicados oficiais, a situação é absolutamente favoravel ás tropas fieis

*A cidade de Santos, da qual os rebeldes de S. Paulo se têm querido apoderar por varias vezes*

**RIO DE JANEIRO, 13.—Comunicado oficial do meio dia:**

**«Prosseguem as operações militares contra os sediciosos de S. Paulo, alcançando as nossas tropas vantagens que privam cada vez mais os rebeldes dos seus meios de defeza. E' evidente que os insurrectos empregam os ultimos recursos de que podem dispôr.**

**A situação é claramente favoravel ás nossas tropas, cuja superioridade se afirma em todos os pontos.»**

O conselheiro Antonio Prado enviou aos jornais a seguinte carta:

«Fiquei surpreendido com a noticia que os rebeldes de S. Paulo haviam proposto o meu nome para governador civil de S. Paulo.

Declaro que nunca fui consultado por alguem acêrca de semelhante assunto e que nada pode autorizar tal indicação porque nunca aceitaria uma investidura com origem num movimento revolucionario».

Na Associação Comercial realizou-se uma importante reunião das fôrças vivas do Rio, tendo sido aprovada uma moção de inteira solidariedade aos srs. drs. Artur Bernardes e Carlos de Campos.—A.

## *Para secundar a acção das tropas leais organizam-se batalhões de voluntarios*

RIO DE JANEIRO, 14.—As noticias de S. Paulo continuam sendo satisfatorias. O comunicado oficial da meia noite de ontem é o seguinte:

«As nossas tropas, mantendo as posições ocupadas, fizeram ainda avanços notaveis em diversos pontos. A acção da nossa artelharia tem sido verdadeiramente eficaz. Sente-se que os sediciosos já tentaram, sem resultado, o seu esforço decisivo.

Sabe-se por informações vindas do interior que lavra o desanimo entre os rebeldes.

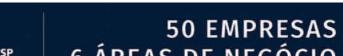
Começam a ser organizados com grande entusiasmo, nas principais cidades do Estado, batalhões patrioticos com o fim de secundar a acção das tropas legais na repressão da revolta.»—A.

## *Parte das tropas federais passou-se para os revoltosos?*

BUENOS AIRES, 14.—Os revolucionarios dominam a situação em S. Paulo, tendo aprisionado o presidente deste Estado e outros altos funcionarios.

Outras noticias afirmam que estes se retiraram para Santos.

O chefe revolucionario general Dias Lopes diz que o movimento se dirige contra o governo central.

Parte das tropas federais colocou-se ao lado dos revoltosos.—L.

# Chama olímpica chegou a Paris no Dia da Bastilha

**FRANÇA** Por causa dos preparativos para os Jogos Olímpicos, o tradicional desfile não desceu este ano os Campos Elísios e foi mais pequeno do que o normal.

A chama olímpica chegou ontem à capital francesa à boleia do tradicional desfile militar do Dia da Bastilha, festa nacional de França celebrada em 14 de julho, e entrou na reta final da sua viagem antes do início dos Jogos Olímpicos de Paris.

A chama iniciou a sua passagem por Paris quando eram 10h45 em Lisboa, na parte final do desfile militar, com o coronel Thibaut Vallette, campeão olímpico de hipismo nos Jogos do Rio 2016, a ser o primeiro a transportá-la. O treinador de futebol Thierry Henry também o fez. Hoje, a chama termina a viagem por Paris na Praça da República, após percorrer 60 quilómetros e passar pelas mãos de 540 pessoas.

STEPHANE DE SAKUTIN / AFP

**Thierry Henry com a chama olímpica.**

Por causa dos preparativos para os Jogos Olímpicos, que começam a 26 de julho, o desfile foi este ano num formato reduzido, sem país convidado (no ano passado foi a Índia), e não desceu como é habitual os Campos Elísios, mas a Avenida Foch. Além disso não houve tanques nas ruas e só desfilaram quatro mil soldados – no ano passado tinham sido 6500.

Este Dia da Bastilha chega também numa altura de crise política, com França ainda a ter que enfrentar os resultados das legislativas que deram a vitória ao campo da esquerda e deixaram a Assembleia Nacional mais dividida do que nunca. O primeiro-ministro, Gabriel Attal, permanecerá à frente do governo, à espera de ser nomeado um sucessor. **DN/AFP**

## Alcaraz volta a vencer torneio de Wimbledon

Carlos Alcaraz revalidou ontem o título de campeão do torneio de Wimbledon, terceiro Grand Slam do ano, ao voltar a bater na final o sérvio Novak Djokovic, como em 2023. O n.º 3 mundial superou Djokovic, n.º 2, em três sets, pelos parciais de 6-2, 6-2 e 7-6 (7-4), somando assim o quarto título do Grand Slam. O espanhol recebeu o troféu das mãos de Kate Middleton, a princesa de Gales, que fez a sua segunda aparição pública desde que anunciou que tinha cancro.

HENRY NICHOLLS / AFP

## BREVES

### Morreu a atriz Shannen Doherty. Tinha 53 anos

A atriz norte-americana Shannen Doherty, que interpretou a personagem Brenda na série *Beverly Hills 90210*, morreu aos 53 anos, após um longo combate contra o cancro da mama. A morte foi confirmada pela sua assessora de imprensa. Nascida em Memphis, Tennessee, mudou-se para Los Angeles com a sua família aos sete anos e pouco depois tornou-se atriz. Ainda em criança trabalhou em séries televisivas e em adolescente fez filmes como *Girls Just Want to Have Fun* (1985). Em 1990 conseguiu um papel de destaque como Brenda Walsh na série televisiva *Beverly Hills 90210*, que retratava a vida de um grupo de jovens de elite e que se tornou um sucesso. Junto com a fama veio o escrutínio da comunicação social e relatos de impulsividade e alcoolismo. Doherty também participou na série *Charmed* e em alguns filmes.

### Guarda agredido a soco por recluso na prisão do Linhó

Um guarda prisional foi agredido a soco por um recluso no Estabelecimento Prisional do Linhó, em Sintra, e teve que receber tratamento hospitalar, denunciou o sindicato. Segundo o dirigente do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional (SNCGP), Frederico Morais, a agressão ocorreu por volta das 14h30 de ontem, quando o guarda foi recolher o tabuleiro de almoço à cela. "Mal abriu a porta, o recluso deu-lhe vários socos", relatou o dirigente sindical, referindo que o guarda sofreu ferimentos na cara. Em declarações à Lusa, Frederico Morais refere que já houve 11 agressões a guardas naquele estabelecimento prisional desde o início do ano e 20 em todas as prisões do país. No sábado também uma guarda do Estabelecimento Prisional de Tires, Cascais, foi agredida por uma reclusa. "Tornou-se muito banal bater em guardas prisionais", lamentou, sublinhando que a situação no Estabelecimento Prisional do Linhó é particularmente preocupante. Na sequência do incidente de ontem, está marcado um plenário de trabalhadores na quinta-feira para discutir eventuais ações de luta.

**Conselho de Administração** - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002 56697